

FILOSOFO  
**HERCULANO PIRES**  
LIVRO



**HUMBERTO MARINHO / CÉCILE RAMOS**

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

*Humberto Mariotti*

*e*

*Clóvis Ramos*

*Filósofo*

*Herculano Pires*

*e Poeta*

## **Conteúdo resumido**

A obra é dividida em duas partes.

A primeira é do autor Humberto Mariotti que enfoca Herculano Pires como grande Filósofo Espírita, que se utilizando das premissas básicas da imortalidade e da reencarnação faz avançar o conhecimento humano demonstrando o porquê da vida e da finalidade do ser humano no mundo da matéria.

A segunda parte é do autor Clóvis Ramos que enfoca Herculano Pires como o grande poeta espírita que usando de suas veias poéticas fazem nos lembrar através dos versos magistrais a grandeza do ser humano perante o universo.



## **Sumário**

### **1ª Parte**

#### **O Pensamento Filosófico de J. Herculano Pires**

##### **Humberto Mariotti**

Prólogo

I - O filósofo inato

II - Herculano e seu trabalho como filósofo espírita

III - A Revista Educação Espírita

IV - Posição crítico-filosófica frente à

parapsicologia naturalista

V - Metas filosóficas de alguns livros - Agonia das Religiões - Revisão do Cristianismo - O Espírito e o Tempo

VI - A filosofia espírita na América Latina

VII - O sentido histórico da Terceira Revelação e o Espírito da Verdade

VIII - Manuel S. Porteiro e J. Herculano Pires, expressões de uma mesma raiz filosófica

IX - Intérprete fiel da Codificação Kardeciana

X - Para uma novelística bíblico-espírita

XI - O sentido interexistencial da mediunidade

XII - Busca e aproximação à serenidade

XIII - A mediunidade zoófila

Epílogo

### **2ª Parte**

#### **Barro insubmisso ou J. Herculano Pires de "Argila"**

##### **Clóvis Ramos**

I - Barro Insubmisso, insubmisso Adão ou Argila, de J. Herculano Pires

## Herculano Pires em dois tempos

Pela primeira vez, desde sua morte física, publica-se sobre Herculano Pires um trabalho que busca interpretar seu pensamento filosófico e poético indo de fato às profundidades do que escrevera. Os estudos aqui reunidos foram produzidos e entregues à Editora em épocas distintas, mas agrupados em um só livro por razões óbvias.

Herculano Pires desenvolveu atividades no campo do jornalismo e da educação, foi cronista e

romancista, poeta e ensaísta, mas é como filósofo que sua personalidade mais se afirmou nos meios espíritas, onde é reconhecido como Filósofo do Espiritismo, elevado ao mesmo nível de Léon Denis, que sucedera Allan Kardec. Para penetrar na essência de seu pensamento e mostrá-la em sua integralidade interexistencial fora preciso alguém que sentisse a grandeza da Filosofia como ele. Isso é de tal forma verdadeiro que passado um lustro do seu desencarne, nenhum estudo de profundidade surgiu no movimento espírita sobre o Herculano-filósofo. Tudo o que até aqui se disse sobre ele representa páginas genéricas, sínteses sobre o homem, o jornalista, o romancista, o polemista, muitas vezes sobre o professor, mas raramente sobre o filósofo.

A primeira parte deste Herculano, filósofo, e poeta é de autoria de Humberto Mariotti, escritor espírita argentino desencarnado em Buenos Aires três anos após Herculano Pires, isto é, em 17 de maio de 1982. Como Herculano, Mariotti era um amante sincero da filosofia e poeta de coração. Acreditava que o Espiritismo só alcançaria sua real integração no social quando cumprisse a previsão de Allan Kardec, ou seja, quando

penetrasse na "via filosófica". Vai ressaltar isso neste seu texto, ainda inédito na Argentina, que originalmente denominou Em torno al pensamiento filosófico de J. Herculano Pires. Entendia o Espiritismo como uma "cosmovisão filosófica e religiosa, baseada nas grandes leis espirituais, codificadas pelo gênio didático de Allan Kardec".

O Mariotti-poeta também se aproximava do poeta Herculano Pires. A seguinte poesia, que traduzimos e publicamos no Suplemento Literário do jornal Correio Fraternal do ABC, em junho de 1982, mostra bem a sensibilidade de sua alma:

### VOLTAREI COMO O PÁSSARO

Voltarei como o pássaro quando o solo  
se converter em jardim  
e te falarei de amores e existências  
que não têm jamais fim.

Voltarei como a brisa acariciante  
outra vez a existir  
e minha alma em tua alma misteriosa  
voltará a sentir.

E se voltar é a lei dos caminhos



meu morrer ao viver  
te buscará entre névoas luminosas  
para ver-te sorrir

Outro aspecto que reforça a afinidade Mariotti/Herculano é a convicção de ambos da perfeita atualidade de Allan Kardec. Mariotti bateu-se também por esta realidade de maneira clara e insofismável.

Não obstante possa parecer à primeira vista, a intimidade com a filosofia espírita manifesta em Mariotti não implica numa exclusão da parte científica da doutrina, pelo contrário, reforça a porque a explica. Isso ele tratará de demonstrar também com relação ao pensamento de Herculano Pires.

A partir do momento em que tomou contato com os trabalhos do filósofo brasileiro e, posteriormente, quando veio a conhecê-lo em São Paulo, Mariotti mostrou-se perfeitamente integrado ao pensamento de Herculano. Nas correspondências que entre si trocaram, a afinidade que nutria estreitou-se ainda mais. De modo que este texto de Humberto Mariotti sobre Herculano Pires revela-se positivo sob três

aspectos: em primeiro lugar, pela inegável condição de seu autor de penetrar na essência da "filosofia piresneana", como ele mesmo a denominou, e de poder mostrá-la em sua inteireza; depois, pelo que o texto apresenta de providencial, em razão de poder ser oferecido àqueles que desejarem conhecer Herculano para compreender o Espiritismo, sem o perigo de escorregar para interpretações equivocadas; finalmente, se outras não houver, pela razão mesma de sua oportuna aparição no momento espírita que se vive.

Chama a atenção algumas colocações de Mariotti a respeito de Herculano, como quando o designa kardeciólogo, aquele que professa a Kardecologia. Aí, entretanto, é preciso atinar bem para o sentido daquilo a que se refere o autor portenho, uma vez que para ele a Kardecologia é a própria Doutrina Espírita. É que Kardec e o Espiritismo são para Mariotti, como para Herculano, duas coisas que se confundem numa só: a Doutrina Espírita. Para ambos, qualquer tentativa que se faça visando promover separações nesse campo significa não atentar para as essências filosóficas do Espiritismo.

Kardecismo, Espiritismo, Doutrina Espírita e agora Kardecologia são designativos de uma mesma coisa: a filosofia interexistencial trazida pelos Espíritos, codificada por Allan Kardec e que teve em alguns intérpretes, entre eles Herculano Pires, seus expoentes maiores.

Destaque-se ainda o tratamento filosófico que Mariotti dá à questão dos animais, no capítulo "A mediunidade zoófila", em acordo de pensamento com Herculano. Este é um belo momento do livro, no qual se verifica que só mesmo a filosofia é capaz de tamanha transcendência em questões de que a própria ciência ainda está distante.

\*

A segunda parte deste livro - Barro Insubmisso ou J. Herculano Pires de "Argila" - é de autoria do escritor-poeta Clóvis Ramos, que o elaborou na tentativa de preencher uma espécie de vazio que se formou nas homenagens prestadas a Herculano Pires após sua morte física. Segundo Clóvis, muitos se lembraram do professor, jornalista, escritor. Não obstante o poeta, aquele que trabalha com as fibras mais sensíveis do

coração e às vezes encontra lógica onde a matemática não consegue agir, desse lembrou-se Clóvis Ramos.

Como o penetrar na filosofia pede a presença de um Espírito afim, vasculhar a poesia quase só é possível para aquele que a sente em cada vírgula, em cada reticência e em cada termo concretamente abstrato. Se Herculano não foi tão precioso na poética, a ponto de poder-se compará-lo a autores consagrados, como aconteceu no romance por exemplo, o fato é que compôs versos maravilhosos em que o sensível e a razão se misturam, após brotar do saber espírita, esta grande força que acionou a vida de Herculano Pires.

Clóvis Ramos não faz, por assim dizer, uma descida ampla ao universo da produção poética de Herculano. O objeto de sua análise é o livro *Argila*, lançado em 1946 pela Lacerda, de São Paulo. Aquele universo, porém, teve início quando Herculano era ainda menino e compôs seus primeiros poemas, tomando forma a partir de 1932, quando publicou seu primeiro livro de poesias, intitulado *Coração*. A partir daí surgiram outros: *Quando o outono chegar*, *Estradas e ruas*,

Mensagens, Poemas de tempo e da morte, etc. Não obstante, a letra de Clóvis Ramos sobre a poesia de Herculano Pires dá uma boa visão da sensibilidade do autor de Educação para a Morte, da temática preferida dele e da realidade interexistencial de seu pensamento, facilmente localizável nas composições poéticas de Herculano Pires.

Wilson Garcia

## 1ª Parte

O Pensamento Filosófico de J. Herculano Pires

Humberto Mariotti

## Prólogo

J. Herculano Pires é um filósofo e pensa sobre o mundo e o ser com evidentes profundidades metafísicas. Mas vê no filosofar um ato existencial que não só conduz ao conhecimento como também ao reconhecimento de que tudo o

que existe não se destina a afundar-se no Nada. Ele concebe que a filosofia é uma penetração nos grandes problemas da existência e admite que o conhecer verdadeiro depende de uma experiência para chegar ao sentido profundamente religioso que possuem as coisas, tanto grandes como pequenas.

Sua intuição filosófica foi iluminada pela doutrina espírita e é nisto que sua tarefa ontológica difere das modalidades clássicas no que respeita à valorização das essências da natureza. Sua mente não se detém, pois, na superfície das coisas, não busca um conhecer considerando unicamente as formas materiais. Em tudo vê a realidade do fenômeno existencial como uma manifestação do noumeno, ou seja, observa o homem como um ente infinito que rege a marcha do desenvolvimento da vida.

Como Porteiro, admite que o verdadeiro ser está além do cérebro e que pode existir um mundo inteligente fora das circunvoluções cerebrais. E isso ocorre porque tanto Herculano como Porteiro não se detiveram numa ocupação ontológica radicada nas representações objetivas do indivíduo. Pelo contrário, ambos pensadores



avançaram para além do homem corporal para penetrar no mundo desconhecido do homem espiritual. Admitiram que as bases do verdadeiro conhecimento estão no Ser invisível que sustenta os seres e as coisas.

Sobre esta concepção do Ser, encontram-se com a raiz essencial do Universo, que para Hegel não é outra coisa que um Espírito Absoluto, ou seja, o Noúmeno principal de toda manifestação da vida e da história. Além disto, como pensador. Herculano sabia que o Nada não pode responder ao ser vivo do homem, mas como filósofo espírita deduzia que o Nada, ao ter um provável ser, já era "algo" e por conseguinte seria (se manifestaria como) uma "entidade" que poderia revelar à "sua maneira" um provável ser.

Como Kardeciólogo intuiu que o Nada pode existir como uma noção relativa da inteligência, quer dizer que não é mais um estado gnosiológico cuja origem radica na curta evolução do espírito. O Nada não é uma realidade absoluta, pois de acordo com a Kardecologia, com a Codificação Kardeciana, "nenhuma coisa é o nada, e o nada não existe" (ver O Livro dos Espíritos, 23, Allan Kardec). Por isso, o grande poeta espírita

espanhol, Salvador Sellés, disse em brilhantes quartetos:

Não há morto mais que a morte,  
Não há morto mais que o Nada.

O Nada como filosofia da existência e base do Positivismo não pôde instalar-se no Brasil não obstante o grande desenvolvimento que no mundo tem alcançado. O Nada e o relativismo positivista não impediram nesse País latino-americano o enraizar da Doutrina Espírita, que é hoje no mundo moderno a mais poderosa antítese do pensamento materialista.

Filósofos como J. Herculano Pires demonstram que a intuição acerca de um Ser infinito surge das profundezas espirituais do homem, o que constitui a melhor prova de que o Espírito é o motor da história e não anula, como se crê, as forças criadoras da evolução e o progresso. Por conseguinte, Herculano é um precursor da filosofia do futuro; seu nome ficará inscrito nas páginas mais brilhantes do que fazer filosófico brasileiro e latino-americano. Por isso temos lhe dedicado o nosso pensamento crítico a fim de demonstrar de que maneira as essências ontológicas do pensar espírita podem abrir um

novo caminho na filosofia e ser, como o desejava José Ingenieros, uma constante renovação metafísica no que diz respeito ao conhecimento do homem e da vida através de suas mais variadas manifestações históricas e sociais.

Desejamos que nossa modesta pena possa dar uma idéia geral do que representa este destacado filósofo brasileiro no campo das novas idéias. Nós o admiramos profundamente por que cremos que a Doutrina Espírita somente pela via filosófica chegará a penetrar na alma dos povos. E J. Herculano Pires era um erudito filósofo que se ergueu com valentia no areópago do pensamento moderno para demonstrar que a doutrina espírita é um pensar filosófico que mudará realmente a face do mundo. O materialismo em todos os seus aspectos terminou sua missão na cultura moderna; agora o Espírito é quem vai conduzir a alma humana ao divinamente transcendental. E o espiritualismo espírita contribuirá com homens como Herculano a demonstrar que o materialismo e o ateísmo estão definitivamente superados.

# I

## O filósofo inato

J. Herculano Pires não foi um filósofo improvisado nas investigações filosófico-espíritas. A obra que ele realizou se equipara aos melhores clássicos da filosofia ocidental. Penetrou na essência do ser e apreendeu no Espírito infinito o sustento de todo o que fazer cultural e existencial. A vida era para J. Herculano Pires a manifestação de um ente espiritual que se realizava para sobrepujar os mais variados processos históricos. O Espírito na filosofia kardecista está condicionado para superar esse "obstáculo" denominado morte. O potencial anímico e divino que possui pode alcançar as mais esplendorosas alturas da sabedoria; por isto nos dizia que a morte não poderá imperar nunca onde está instalada a sabedoria.

O destacado pensador brasileiro fez-se filósofo universitário com o único objetivo de possuir a autoridade necessária a fim de penetrar nas

essências filosóficas do Espiritismo. Mas podemos dizer que o seu ser já era um filósofo de nascimento. Certamente em outras existências sua brilhante inteligência havia estado em contato com os grandes pais da Filosofia. Talvez a Grécia de Sócrates e Platão o conhecesse entre os peripatéticos meditando sobre o Ser, seu conteúdo existencial e suas projeções teleológicas. Por isso, sem graduar-se universitariamente como filósofo, sua brilhante inteligência poderia igualmente dialogar com Heidegger, Jaspers, Sartre, Maritain, etc., pois havia em seu espírito uma raiz profundamente metafísica que lhe permitia relacionar-se de imediato com os grandes problemas da filosofia moderna.

O pensamento espírita teve em J. Herculano Pires um verdadeiro intérprete. Podemos dizer que a cultura espírita achou neste destacado filósofo brasileiro um verdadeiro expositor humanista que colocou o Espiritismo ao nível da mais elevada concepção espiritual contemporânea. Ele nos ensinou que o espírita não só se afirma pela produção e observação dos fenômenos mediúnicos, mas também, e muito especialmente na hora atual, pela visão filosófica

e religiosa que possui. Mas seu talento filosófico logrou unir duas vias do conhecimento ao dirigi-lo através do conceito essencial e unitário do saber.

Para Herculano tanto o saber experimental como o saber metafísico pertencem a uma mesma manifestação essencial do conhecimento. Pois conhecer tanto pela experiência científica como pela experiência religiosa, quando é o espírito que indaga e busca a verdade, é estar na essência mesma do conhecimento. É penetrar na essência viva do saber único e universal do qual falaram com precisão metafísica os maiores filósofos espíritas espanhóis, tais como Manuel González Soriano, Eduardo Nino, Quintin López Gomez, Rodrigo Sanz, etc.

J. Herculano Pires foi, com efeito, um precursor da filosofia existencial traduzindo-a em filosofia interexistencial, pois teve a capacidade metafísica de compreender que o conhecimento, o ser e o juízo filosófico só se compreendem com uma concepção onibarcante ao reduzir à unidade substancial o fator determinante de todo saber espiritual e histórico. Os famosos a priori de Kant ficam iluminados gnosiologicamente, segundo o



pensamento de J. Herculano Pires, pelas anterioridades da alma (esta expressão pertence à pena admirável de Léon Denis).

Para Herculano, como para Manuel S. Porteiro e o próprio Allan Kardec, o Espiritismo somente avançará na cultura do ocidente mediante a via filosófica (ver a Gênese de Allan Kardec). Se o gênio espírita não se expressa mediante o método filosófico permanecerá à margem dos processos históricos e sociais. O conhecer espírita do mundo implica uma conexão com o que Herculano concebia com outros pensadores brasileiros como a sociologia cósmica. Pois à luz do Espiritismo o universo está dentro do homem como o homem dentro do universo razão pela qual já não se concebem reclusões espirituais e existenciais nos processos criadores da lei da reencarnação. Nosso querido pensador brasileiro teve a mesma concepção unitiva de Gustave Geley que via no dinamopsiquismo essencial a reunião de todos os valores morais conquistados pelo ser em constante devir palingenésico.

A filosofia espírita necessita de pensadores universitários como J. Herculano Pires para que a grande comparação das idéias possa operar-se no

foro das doutrinas filosóficas. Só assim se comprovará a grandeza da Doutrina Espírita em relação às chamadas ciências esotéricas e ocultistas. O Espiritismo é a síntese do saber espiritualista moderno e foi por isto que Herculano o levou triunfalmente por todos os âmbitos da filosofia universitária, até demonstrar que a Parapsicologia não é outra coisa senão um derivado temeroso do fenômeno espírita e mediúnico.

## II

### Herculano e seu trabalho como filósofo espírita

Agora que J. Herculano Pires se transformou em um ser invisível, agora que abandonou seu corpo físico, o que ocorreu a 09 de março de 1979, é conveniente ensaiar uma demonstração para confirmar que foi o mais destacado filósofo espírita dos tempos atuais. Não se esqueça que foi ele que colocou na América, tal como o desejava

Allan Kardec, o Espiritismo na via filosófica a fim de evidenciar os valores filosóficos e religiosos que possui, pois Herculano reconheceu que a profundidade espiritual da Doutrina Espírita se reconhecerá estando nesta via filosófica de que fala Kardec. Por isso, como filósofo nato que era, realizou uma obra que ainda não tem sido valorizada como merece, pois enquanto o pensamento ontológico e antropológico se debate entre as obscuridades dos mais variados materialismos, a obra de J. Herculano Pires permanecerá incompreendida pela crítica, apesar da dinâmica conceitual que possui.

Já temos expressado que esse pensador brasileiro, a par de outros destacados filósofos ibero-americanos, havia dado fundamento ao que temos denominado Kardecologia, sendo-o um dos mais eruditos kardeciólogos contemporâneos. Prova disto encontramos nas páginas introdutórias que escreveu para o "Livro dos Espíritos" (1) de Allan Kardec, as quais consideramos como documentos filosóficos que justificam a profundidade gnosiológica da Doutrina Espírita (veja edição desta obra feita

pela Editora Argentina 18 de Abril, de Buenos Aires).

*(1) - A introdução referida foi escrita por Herculano Pires para a edição especial da Lake, S. Paulo, de O Livro dos Espíritos, comemorativa do centenário de lançamento deste livro, cuja primeira edição surgiu em 18 de abril de 1857. A tradução do livro para o português também é dele. (Nota dos tradutores)*

Nesta introdução intitulada Notícias sobre a obra, nosso filósofo expõe com singular erudição doutrinária os fundamentos acerca da realidade da existência de uma filosofia espírita, não obstante o papel impessoal que se lhe quer atribuir à tarefa filosófica. Mas J. Herculano Pires demonstrou que a filosofia é uma demonstração da verdade e não nos resta outra coisa senão aceitá-la, venha de onde vier. Ele pensava que no âmbito da cultura espírita só está em jogo a conquista da verdade, que há de conduzir indefectivamente à unidade do conhecimento. Pois seu pensamento coincidia com o do grande filósofo espírita espanhol Manuel González Soriano (ver sua magnífica obra *El Espiritismo es la Filosofía*) e com toda a plêiade de pensadores espíritas que o seguiam ao sustentar que o Espiritismo daria ao homem uma ciência única e universal. Ou seja, a essência espírita contida em *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec anularia a divisão do conhecimento para estabelecer uma universal unidade

gnosiológica. Isto mesmo expressou Herculano com precisão metafísica em todo o seu labor filosófico, por isso seu pensamento poderá anular quanto se diga contra a hierarquia espiritual que possui o Espiritismo.

Na concepção filosófica de J. Herculano Pires se resumem os três estados do conhecimento: o científico, o filosófico e o religioso numa magnífica síntese que desemboca no sentido essencialmente unitivo do conhecimento. Por isso não esqueceu a importância que possui o método dialético para chegar a essa ciência única e universal que brilhantemente elaboraram os filósofos espíritas espanhóis do fim do século passado.

O método dialético que vem desde a mais remota antiguidade grega encontra no Espiritismo a explicação e o fundamento de seu tríplice processo. Herculano compreendeu amplamente este aspecto ao falar de uma dialética espírita, razão pela qual pensava em traduzir para o português o livro Espiritismo Dialético de Manuel S. Porteiro, por quem sentia profunda admiração.

O Espiritismo, entrando na via filosófica como anunciara Kardec, converte-se na luz que se projeta sobre o conhecimento de todas as idades. O filósofo brasileiro compreendeu com Léon Denis e Gustave Geley que a dialética é o melhor método ético para valorizar e compreender o intrínseco e extrínseco da lei de causas e efeitos no processo evolutivo e moral dos Espíritos. Possuía uma cosmovisão espírita emanada da imponente codificação kardeciana. Em tudo percebeu uma divina teleologia que superará os delineamentos materialistas do homem e do universo.

O problema religioso esteve constantemente em seu pensamento. O Evangelho de Jesus significava para ele o resumo da mais elevada sabedoria moral e foi por isso que, com valentia, sustentou a tese de uma religião espírita ao compreender que o homem é um ser imperfeito e só sentindo Deus na sua natureza é que poderá encarar as "contradições existenciais", a que o submete o processo da reencarnação. Para Herculano Pires a religião espírita teria sua base fundamental na lei de adoração (ver o número 649 de O Livro dos Espíritos). Nesta lei, que está



tanto dentro do homem como fora dele, descobriu a realidade espiritual e existencial do religioso. A religião espírita, advertia-nos J. Herculano Pires, não é um ópio para os povos, como se diria referindo-se à confessional e dogmática. A religião espírita é a resultante da essência espiritual e divina que mobiliza e sustenta todo o existente. É dizíamos-lhe nós, uma religião fora da religião, é um chamado da alma a seu Criador de quem espera sempre uma resposta consoladora. Por conseguinte, admitia com nosso modesto critério a realidade existencial da oração.

Cria profundamente (sabia dizer-nos nas suas cartas) numa religião espírita, posto que o Espiritismo não é só uma ética nem tão pouco a simples análise de um fenômeno paranormal. O Espiritismo, ao ser a consequência da revelação dos Espíritos, se converte, por imperativo da lógica, em uma manifestação religiosa de verdades transcendentais e divinas. A lei da adoração, ao estar dentro da lei natural, determina no ser encarnado e desencarnado um estado de reverência para Deus e para a divina majestade de todo o criado. O homem ao reconhecer a existência de Deus o adora tanto dentro de uma

igreja como fora dela. Por conseguinte, o homem, opinava Herculano, é um ser religioso que não pode prescindir do que é causa de tantos efeitos universais.

Um filósofo como J. Herculano Pires é capaz de compreender a parte débil e falível do conhecimento; por isso seu espírito adentrou nos sistemas mais intrincados da filosofia moderna e contemporânea com o fim de constatar as lacunas que apresentam no que diz respeito à verdadeira espiritualidade do homem e a natureza. Conosco aceitava que a teoria do conhecimento só se completará realmente mediante as realidades mediúnicas. Sem uma relação com o saber mediúnico, todo intento de conhecer a verdadeira essência dos Espíritos ficará limitado a hipóteses e suposições, expostas sempre a serem denegadas pelas realidades do mundo material.

Em seu formoso livro *O Espírito e o Tempo* (ainda não traduzido para o castelhano) disse que o fenômeno mediúnico é um fato que se opera no processo das raças como um fenômeno psíquico e que poderia considerar-se uma antropologia espírita. Nesse livro, Herculano nos mostra os variados horizontes da mediunidade e como se

desenvolveu através de processos como o tribal, o agrícola, o civilizado, o profético e o espiritual. Mostra-nos que o processo histórico está intimamente relacionado com as manifestações do mundo invisível.

Este fato mediúnico relacionado com os diversos períodos da evolução social faz-nos ver que os "movimentos" do Cosmos não são devidos a forças puramente naturais, mas originadas do mundo invisível, tal como o descreve a codificação kardeciana. Ou seja, a parte visível da humanidade é a resultante da parte invisível da mesma em cujo centro se encontra a presença ativa dos Espíritos desencarnados. Assim é, como viu Herculano, a história em sua relação com o suceder dos tempos.

Seu livro *O Espírito e o Tempo* é como uma réplica a obras do tipo *O Ser e o Tempo* de Martin Heidegger e *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre onde o conceito niilista é o único sustento do processo existencial do homem. O mesmo ocorre com sua notável monografia *Introdução à Filosofia Espírita* na qual estabelece as bases da legítima metafísica acerca da realidade de uma filosofia espírita, O conceituado filósofo

brasileiro demonstrou a realidade ontológica da filosofia espírita não obstante o critério adverso da filosofia oficial. Para ele o verdadeiro ente da filosofia está no Espírito, mas não num espírito abstrato, ilhado. Para Herculano a essência da filosofia radica no ser espiritual como entidade comunicante com o homem. Neste novo espírito é que está para ele a essência e a raiz da filosofia; em consequência, o Espiritismo como uma das mais vivas demonstrações do Espírito imortal é a base mais sólida para estabelecer a verdade filosófica.

Com o saber espírita a filosofia se faz realidade no homem e na sociedade e estabelece uma comunicação permanente entre o filósofo e a essência da filosofia, cujo conteúdo está no mundo dos Espíritos. Nosso admirado pensador chegou até a delinear o esquema de uma teologia espírita, dizendo: "A Teologia é a mais alta das ciências porque é a ciência de Deus", ajuntando: "A Teologia espírita nasceu no momento em que Kardec perguntou aos Espíritos: Que é Deus? E eles responderam: "A Inteligência Suprema do universo, a Causa Primária de todas as coisas (ver A Religião Espírita in Anuário Espírita, edição

castelhana de 1972). Ademais, sua concepção religiosa do ser está exposta com clareza escatológica em seu livro *O Ser e a Serenidade*, volume este que traça novas orientações à filosofia ibero-americana.

Como é evidente, J. Herculano Pires percebeu nos temas espíritas notáveis relações com os princípios clássicos da cultura ocidental. Não é em vão que se destacou na atuação que teve que desempenhar na Pontifícia Universidade de São Paulo, Brasil, quando concorreu à mesma respondendo a um convite de suas autoridades a fim de participar da análise do tema *O conhecimento do homem contemporâneo*.

### III

#### A Revista Educação Espírita

A preocupação que J. Herculano Pires sentia pelos problemas educacionais levou-o a fundar uma revista: *Educação Espírita*, em cujas páginas foram tratados os mais relevantes assuntos

pedagógicos à luz do Espiritismo. Nesta revista, ficou demonstrado como a filosofia espírita possui um saber integral quanto aos novos horizontes que apresenta às ciências da Educação. Herculano se esforçou em demonstrar que a criança não é a totalidade do ser nem tão pouco uma página em branco como admite a pedagogia universitária.

Na mencionada revista, expusemos o que denominamos a teoria aparential da criança, quer dizer, assinalamos que o infante possui um processo preexistencial e que por essa razão é que por trás de sua atual existência se esconde o Espírito com todo seu processo evolutivo, moral e intelectual.

De acordo com este enfoque, a criança provoca uma mudança na técnica das ciências da Educação. Determina uma renovação na arte pedagógica, pois o ser, visto à luz da concepção espírita, é um ente que encarna e desencarna sem solução de continuidade, o que faz com que a criança não seja outra coisa que uma "aparência", posto que por trás da mesma existe todo um ser com seu desenvolvimento intelectual e moral.

J. Herculano Pires era um intelectual teorizador sobre novas técnicas educacionais, o que o colocou em contato com as esferas mais elevadas da educação e do ensino. Seu talento filosófico permitiu-lhe ver nas ciências da Educação um extraordinário instrumento psíquico para penetrar profundamente na alma da criança.

Com efeito, a demonstração de uma filosofia espírita da educação foi a tarefa primordial da revista Educação Espírita, que o pensador brasileiro dirigia com tanto zelo e sacrifício. Em suas páginas apareceram verdadeiras meditações pedagógicas feitas à luz do saber espírita. As ciências da Educação adquiriram um novo sentido ao penetrar nos grandes arquivos do ser onde constam os processos palingenésicos da inteligência. A lei da reencarnação é um poderoso telescópio para não se extraviar através das complicações psicológicas que apresenta a alma da criança. Mas lamentavelmente, a cultura materialista não prefere um ser infinito e preexistente; sente ao invés tendência pelo que se nota no desolador conceito do nada. Essa cultura prefere um ser que morre e não um ser que vive. E nisto se baseou a luta de Herculano ao divulgar

o conceito espírita da criatura humana; muitos foram os obstáculos que lhe opuseram os adversários da concepção preexistencial do ser.

Isto pareceria indicar-nos que a cultura do ocidente deseja o nada antes que a vida; entretanto, o espírito humano se revela frente a esse desolador niilismo dos artífices do não-ser. Por isso a concepção palingenésica das ciências da Educação é um saber que conduz a Deus e ao conhecimento de suas leis. Allan Kardec, como destacado discípulo de Pestalozzi, compreendeu amplamente o papel que desempenharia o Espiritismo no campo da educação e do distanciamento da inteligência das concepções materiais da vida. Toda sua obra se apresenta sobre as bases de um inteligente sentido didático, o que faz com que ela possa chegar sem complicações aos mais variados níveis da evolução humana.

Uma Ciência Espírita da Educação era o ideal pedagógico do nosso filósofo, porque chegou a compreender que a verdadeira reforma da conduta moral depende do mundo interior e profundo dos seres. Toda mudança na sociedade sem os valores morais do homem interior resulta



num engano e num fracasso. Mas não deixou de reconhecer que a nova pedagogia, elaborada à luz do Espiritismo, tem necessidade de chegar aonde estão as raízes da dor, porque uma pedagogia que só ensina, sem curar as feridas da alma, não é mais que um frio tecnicismo que apenas afeta à inteligência formal das coisas.

Creemos com J. Herculano Pires que a transformação da Terra não será um fenômeno puramente material, creemos que a transformação da sociedade sobre as bases de um verdadeiro aperfeiçoamento viria pelos valores do Espírito e por seu conhecimento palingenésico. A reencarnação do Ser será pois a grande idéia para renovar a imagem do homem e dar um novo sentido ao processo universal da história.

#### IV

### Posição crítico-filosófica frente à parapsicologia naturalista

#### (I)

A grande expansão da Parapsicologia no mundo contemporâneo levou J. Herculano Pires a realizar uma obra crítico-filosófica com o fim de orientar aos que se internam no mundo de seus fenômenos. Ao compreender que a Parapsicologia foi reduzida no que respeita a seus alcances espirituais, Herculano dedicou-se também a ilustrar ao povo acerca do que representa uma velha prática psíquica que apenas mudou de nome.

Fez-nos ver que esta mudança de denominação não tem outro objetivo que o de afastar os espíritos do que representa o Espiritismo nos problemas do Espírito. A Doutrina Espírita, como se sabe, abrange desde suas origens, todos os fenômenos que agora maneja superficialmente a chamada Parapsicologia. Mas o mais delicado para a cultura universitária é que esses fenômenos desembocam em planos espirituais onde o homem se mostra com uma imagem totalmente diferente. Ou seja, que o homem à luz dos fenômenos parapsicológicos seria um ser cuja essência não corresponde às concepções do velho humanismo espiritual.

Este fato foi o que levou os velhos teorizadores do fenômeno psíquico e metafísico a dar ao mesmo uma nova interpretação que não afete a velha cultura referente ao homem. A Parapsicologia considerada universitária é uma prática que se opõe à demonstração de um homem imortal e imaterial. Embora pareça o contrário, declara-se tacitamente uma aliada do conceito materialista da vida, já que todo fenômeno psíquico tem sua origem em um tipo de mente assentada sobre os lóbulos cerebrais. É uma Parapsicologia definitivamente naturalista e com ela resulta impossível elaborar uma concepção espiritual da vida.

Pois bem, se toda a fenomenologia parapsicológica é uma produção do homem material, o chamado homem psi não apresenta nenhuma vantagem sobre o conceito materialista do ser. Se o homem psi é um produto do homem material, o conceito materialista da vida continua em pé, de forma que os horizontes do ser continuam, envoltos pelas trevas do agnosticismo de sempre.

Se no parapsicológico não se descobre uma nova dimensão espiritual do homem, de que vale

o fenômeno e seu possível enlace com o sobrenatural?

O pensador brasileiro manifestou que a moderna Parapsicologia não é outra coisa que um neo-espiritismo disfarçado a fim de não alarmar os representantes da cultura clássica. Mas por trás do fenômeno parapsicológico, segundo o pensamento de Herculano, existe um nómeno espiritual que possui uma intencionalidade existencial destinada a iluminar a inteligência do homem no que respeita a seu destino transcendental. Se a Parapsicologia tem a faculdade de alterar, do ponto de vista natural, a estabilidade do mundo natural, isso se deve a um plano secreto da natureza, movido por Deus, com o fim de socorrer o homem em um dos mais trágicos momentos de sua evolução espiritual.

Herculano pensava que o fenômeno parapsicológico era uma espécie de socorro espiritual para o gênero humano no momento mesmo em que o materialismo parecia dominar os destinos da Humanidade. Pois não se concebe uma alteração parapsicológica com o objetivo de somente demonstrar um fenômeno que, aparentemente, tende para o normal. Se a essência

do parapsicológico destina-se apenas a mostrar um estado normal, não possui o noumeno com uma intencionalidade inteligente. Faz-se necessário não encastelar o parapsicológico no puramente natural, pois isso não é outra coisa que desnaturalizá-lo do ponto de vista filosófico e científico. Pensemos que no supranormal existe uma natureza metafísica que reúne o Espírito com seu destino transcendental. E é nisto que o pensador brasileiro fincou pé ante os teorizadores naturalistas, a quem pareceria molestar que um fenômeno parapsicológico pudesse servir para demonstrar a natureza antimaterial da mente e da supervivência da alma.

Os parapsicólogos universitários se comprazem em explicar o espírito, por exemplo, recorrendo aos poderes latentes do ser. Quando deste modo se procede está-se fazendo "verdadeira" Parapsicologia, ou seja, está-se dentro dos cânones oficiais do conhecimento. Todavia, no parapsicológico, por mais que se queira desconhecê-lo, assoma um mundo que não é o habitual e que conduz ao reconhecimento de uma natureza psíquica no ser que não depende dos centros nervosos. Mas este fato não agrada

aos religiosos, posto que tudo o que concerne ao Espírito e ao mais além corresponde a eles, exclusivamente.

Herculano demonstrou que por cima de todo interesse convencional está a verdade espiritual, já que ela é que dá sentido à vida e um real transcender à existência do ser. Por isso a Parapsicologia não poderá ser encarada apenas do ponto de vista naturalista; sua aparição rechaça o conceito materialista da vida e faz nova aproximação dos valores eternos do Espírito. O problema da morte que encerra os mais graves aspectos da filosofia e a religião acha-se na etapa, diríamos, final de sua solução. E tal solução não se dará sobre a base de vagas teorizações metafísicas, mas pela objetividade da experiência científica, que se manifesta nos fenômenos superiores do mediunismo, como dizia Gustave Geley, e que a cultura universitária não se atreve a reconhecer por temor de incomodar os “Especialistas” conhecimento da alma.

A solução do problema da morte dada pela velha mentalidade do homem já não responde ao novo espírito do saber e da ciência. Pelo só fato de pensar que a Terra não é o único mundo

habitado da criação já estamos vendo como o passado espiritual da humanidade está em plena decadência. Por isso J. Herculano Pires era um futurólogo espírita que via fluir a vida ainda dos mais obscuros fenômenos da natureza. Sua alma estava, no porvir e a sua inteligência era uma antena que sempre captava além das formas materiais.

Possui um nómeno o fenômeno  
parapsicológico?

(II)

Além do que comentamos acima, cremos que cabe perguntar se existe um nómeno no fenômeno parapsicológico, como o admitia J. Herculano Pires. Na continuação damos nosso ponto de vista a respeito.

O parapsicológico é um fenômeno que afeta os sentidos do homem, em consequência é um ente que provoca raciocínios e juízos em quem prova e constata. O parapsicológico não é um "ente" da razão para justificar a priori um conceito ou

concepções pessoais. O que o parapsicológico apresenta é uma razão do fato que dá objetividade à reflexão do homem. Este fato é uma aproximação ao provável "transcender" que possa existir no ser. A realidade parapsicológica possui uma base segura pela qual se desenvolve através do humano. Isso é o que a distingue do mecânico e do antimetafísico. Existe no humano de acordo com o desenvolvimento do ser, está sempre no homem ainda que em estado latente. É um estado do ser que dá ao homem uma qualidade que o afasta de sua "antiga natureza". O parapsicológico pode resultar em fator pelo qual o homem pode voltar à sua natureza primordial, quer dizer, poderia descer a seus mundos subconscientes e plantar-se assim sem ceder frente à dissolução do seu ser espiritual.

Se o parapsicológico é um fenômeno paranormal devemos admitir a possibilidade nele de outro ser que se consolida num nómeno inteligente. Devemos ver nele como uma nova psique que esteve latente no homem durante os períodos em que a fé ajudava-o a estar no mundo; mas nem bem esta fé se torna débil o ser já se movimenta defensivamente contra o não-ser e é



acudido por suas essências psíquicas adormecidas, que através do parapsicológico se apresentam para socorrer o homem em um dos momentos mais críticos de sua evolução.

A manifestação do parapsicológico não é um fato parcial mas geral. Ocorre em todas as partes, o que lhe confere um caráter universal. Em alguns momentos o parapsicológico está presente até no mundo animal, o que falaria de sua vinculação com o puramente psíquico-fisiológico. Em compensação, não se poderia falar de um estado parapsicológico do mineral nem do vegetal, o que sugeriria que possui graus de desenvolvimento e de atualização. Apenas no animal o parapsicológico se evidencia como uma realidade que concede ao ser uma categoria existencial de insuspeito futuro.

Essência, pessoa espiritual e ente  
parapsicológico

(III)

A essência é uma categoria ontológica que permanece ainda nos domínios do teórico. Não se apresenta como "uma prática" do ser ou da pessoa. Está, desde os pré-socráticos, encerrada num "possível ser" que subjetivamente se estende e se contrai sem uma objetiva materialização de sua realidade. A pessoa espiritual que se assenta na essência fica ao mesmo tempo sem um ponto de apoio que lhe permita vigorizar-se frente ao niilismo destruidor. A pessoa assentada sobre as bases do "antigo conhecimento" não é mais que uma aspiração rumo ao ser categórico, Permanece sem solidez ontológica e seu existir teórico segue mostrando-se como uma esperança nas lutas pelo ser existencial.

Pois bem, se a pessoa e a essência que constituem o homem não revelam um conteúdo que ultrapasse a sua imagem atual, nada significará para a existência nem para estabelecer um humanismo que faz do homem um poder espiritual sobre o nada. Uma pessoa sem o ser parapsicológico está exposta a perigosos acidentes existenciais. A pessoa só perdura como razão ontológica se nela está presente o vigor de um ser que não é derrubado pelo duro

materialismo circundante. Essência e pessoa só adquirem a significação que se lhes quer atribuir se elas possuem essa mola metafísico-parapsicológica que faz emergir a verdadeira imagem do ser. Se nelas não se acha, de um modo ou de outro, o ente parapsicológico, nenhum dos postulados humanos ou espirituais poderá presidir seu ser. Diríamos que essa suma divina que Aquinate viu em toda a Criação não sairá dessa "condição hipotética" sustentada intensamente até o presente. O ente metapsíquico-parapsicológico está imerso na essência e na pessoa e o que é necessário é fazê-lo aflorar no homem por meio da faculdade psi que nele existe.

Se a natureza psi do ser se faz realidade, a essência e a pessoa serão uma positividade acerca de seu existir e de sua transcendência para um tempo onde se encontra a verdade. A lógica de toda doutrina do homem como essência e pessoa radica-se, na presente circunstância, na manifestação exterior da dimensão psi do ser. A lógica prepara o caminho para compreender uma essência-pessoa que não existia unicamente pelo teórico. O aflorar da faculdade psi no homem

representa a salvação real do ser e a filosofia da existência.

Por que o espiritual e o sagrado não podem estar contidos no parapsicológico?

(IV)

Alguns autores ocidentais respeitosos das tradições religiosas, admitem a realidade dos fenômenos psíquicos mas não tiram deles a possibilidade de serem possuidores de um noumeno espiritual e sagrado. Pareceria que o conhecer as profundidades do Espírito e o universo está submetido a uma inexorável dualidade, posto que só se pode conhecer suas essências dentro de determinadas especialidades confessionais.

Existe, pois, um conhecer do profano e um conhecer do sagrado, o que nos levaria a um conhecer exclusivo do humano e a um conhecer exclusivo do divino. Segundo este critério, o parapsicológico não é um fenômeno espiritual; é só um fato que remove as velhas concepções

físicas sobre as bases de alguns fatos considerados paranormais. Na ordem parapsicológica não pode haver uma "intencionalidade" nem tão pouco um "sinal" proveniente de um mundo inteligente e metafísico, já que o fenômeno parapsicológico é um produto do homem em seus "estados" psi. O parapsicológico não pode ser o meio para uma manifestação espiritual porque sua origem está no homem e não em um ente invisível e sobrenatural. Tudo o que tenha - diz-se - caráter sobrenatural é ilusório porque não está ao alcance do homem e menos do parapsicológico. Mas cabe perguntar: que disposição determina essa série de elementos ilusórios tais como aparição de defuntos, comunicações mediúnicas, materializações de seres falecidos, vozes diretas, etc., com o fim quase preconcebido de burlar a humana inteligência? Que poder organizado é o desses fenômenos que só existem aparentemente? Por que não se dão em outros campos essas manifestações "ilusória" e por que há de dar-se nada menos que no importante campo da imortalidade da alma? Por que o Espírito e os Espíritos tramam semelhante parodia em torno de

um problema tão importante para a humanidade? Ou será que o mistério da morte há de permanecer para sempre desconhecido para a angustiada alma do homem moderno?

Não é inventar uma resposta favorável para os espiritualistas dizer que todos esses fenômenos possuem uma "intencionalidade" em favor de um transcender da existência e que no invisível existe um mundo espiritual onde se acham muitos dos fatores psíquicos que os determinam. Não é ofender a tradição religiosa se esses fenômenos se apresentam como um novo caminho de Damasco, nem tão pouco negar a revelação cristã. Por que será que o homem deve perder-se neste novo e terrível inferno que é o nada? Que a lógica filosófica responda.

O nómeno parapsicológico tem indefectivelmente realidade se se considerar o valor inteligente do movimento. Esse nómeno, alterando pois o que é habitual, se manifesta, como sabemos, por movimento ou por visões e sensações que também são formas de movimento. A telecinesia é um movimento sem contato com o humano e sem dúvida revela um ente com intenções de mostrar alguma coisa. Se esse

movimento telecinésico perdura através dos fatos ele está indicando que por trás do fenômeno existe um noumeno que está expressando algum desejo espiritual. Pois bem, se a filosofia não repara neste outro aspecto do parapsicológico não será um autêntico saber acerca das essências que existem nas formas. A filosofia deverá reconhecer que o parapsicológico é uma forma segundo o sensorial, mas por sua vez deverá admitir que em toda forma se instala um ente ou uma parte da vida, tal como o admitia o destacado filósofo J. Herculano Pires.

Deste modo é que se compreenderá que a forma é a consequência do movimento e que merece uma manifestação do ente essencial que o anima. O filósofo frente ao fenômeno parapsicológico deverá recordar que na dualidade objeto-sujeito está a essência que o unifica numa expressão unitária e inteligente. Se o parapsicológico não possuísse movimento não poderia dar os passos para sua manifestação; seria uma irrealdade e por isso não existiria. Mas se o parapsicológico está no homem e se revela através do psi, isso está indicando que necessita

de uma praxis fenomenal através do movimento para sua manifestação.

Com efeito, o parapsicológico em todos os casos é uma "manifestação", é a manifestação de um "algo" inabitual para a inteligência. Através de suas diversas zonas fenomênicas o parapsicológico é uma "manifestação". E se isto, do ponto de vista filosófico, é uma possibilidade metafísica, dever-se-á reconhecer que atrás do fenômeno existe uma "intenção" ou ente noumenal que trata de entrar em relação com o ser encarnado.

Se o conhecimento resistir a essa concepção o ente parapsicológico conhecido apenas como uma "intencionalidade" ver-se-á na necessidade de forçar sua presença fazendo o fenômeno parapsicológico mais pujante e insistente. O filósofo não deverá desestimar o "possível sinal" que se oculta por trás do fenômeno, posto que seu dever é levá-lo à conta de uma nova possibilidade do ser.

Todo o parapsicológico está baseado no que Allan Kardec denominou "emancipação da alma", ou seja, uma saída do ser psíquico do corpo.



Pois bem, se o corpo é "todo" o homem, o ser é um mecanismo físico que ao funcionar harmonicamente pode prolongar a vida de todo indivíduo. Se isto é a realidade não há pois um "homem desconhecido" para a filosofia do ser. Se o homem é um bloco denso e maciço, o ser é o que é e não se espere dele nenhum fenômeno anímico e subconsciente. O ser está em sua totalidade física e move-se de acordo com o vigor de sua mecânica corporal. Dele não poderá sair nada que não sejam forças que se esgotam e desgastam, pois o corporal não gera mais do que o corporal. Mas nesta forma orgânica do homem está contido todo o ser?

Contudo, o homem não se apresenta como um "ser em bloco"; há nele diferentes estados de manifestações; mostram-se em sua natureza variadas imagens acompanhadas de tipos psicológicos que fazem pensar em um ser que está mais além de seu mecanismo fisiológico. Esta "aparência" do homem obriga a pensar numa abertura ou janela em sua densa superfície corporal. Pareceria que uma essência meta-corporal poderia ter uma saída para o exterior do

ser. E esta saída estaria demonstrada por estes fatos da "projeção astral" (1).

*(1) - Silvan Muldoon e Tereward Carrington: Os fenômenos da projeção astral, obra traduzida para o castelhano e publicada pela Editora Kier, de Buenos Aires. Argentina.*

Esta saída do ser de sua "materialidade" evidenciada pelo fenômeno parapsicológico leva-nos a reconhecer este postulado ontológico: o ser está e não está no corpo. Está nele aparentemente em forma total, mas esta aparência fica recusada quando o ser se sente em dois momentos do tempo e espaço; quando está vendo seu contorno cotidiano e por sua vez vê outras imagens e situações distantes de seu atual presente.

Esta bilocação existencial daria bases à saída do ser psíquico de seu corpo. Confirmaria este postulado dialético-existencial: o ser está e não está no corpo. Esta posição daria o direito de supor que existe no homem cotidiano um homem desconhecido.

Este enfoque do ser nos permitirá sair e entrar no corpo. Poder-se-ia sair para distanciar-se do corpo e demonstrar que o homem não é totalmente físico, porém algo mais que isso. E se pode "entrar" no corpo seria para demonstrar que o ser é independente dele; ademais, demonstraria que o Eu não é uma superfície, mas uma

profundidade. Se entra em suas próprias profundezas, o ser se reconhece como um Eu com um "antes" e um "depois" preexistencial. O ser ao trazer um Eu por razões de independência de seu corpo pode auto conhecer-se como um ente que se reconhece a si mesmo mas em relação com "outros tempos existenciais". O Eu captaria assim sua totalidade espiritual e poderia revelar que o corpo pode ter "entradas" e "saídas", com o que ficaria questionada a concepção de um "estar permanente" no organismo físico.

Para esta elevada meta voava a mente filosófica de J. Herculano Pires e nesta concepção ontológica se baseará a futura Parapsicologia quando em realidade a existência do Espírito estiver assentada no verdadeiro nómeno do fenômeno parapsicológico. Por isto a figura deste destacado pensador brasileiro será como uma nova marca metafísica na filosofia latino-americana e sua obra espírita será considerada pelos idealistas do porvir como uma revolução espiritual dentro do pensamento kardeciano.

Metas filosóficas de alguns livros  
Agonia das Religiões  
Revisão do Cristianismo  
O Espírito e o Tempo

Estes três títulos dentro da bibliografia piresniana possuem um imenso valor filosófico por seus elevados princípios críticos. Neles estão sintetizados os ideais espíritas deste destacado pensador brasileiro, pois em tais livros seu gênio se empenha em demonstrar como o velho "espírito religioso" não resiste ao já dinâmico avanço e progresso da humanidade. Em Agonia das Religiões mostra-nos como a antiga psicologia das variadas crenças declina dia após dia enquanto o Novo Espírito da civilização se aproxima de uma sociologia espiritual cósmica onde em realidade pode instalar-se o homem moderno. Mas esta agonia das velhas religiões não significa para Herculano Pires uma decadência espiritual do ser nem tão pouco um demolidor avanço do ateísmo é do materialismo. Pelo contrário, a entrada em uma Nova

Espiritualidade sobre a qual muito temos falado. A retirada do velho sentir religioso significa pois o início de um renascimento da idéia transcendendo do homem e de suas relações com Deus. As novas correntes da filosofia da religião assim o estão considerando, o que nos indica que Deus não está morto como pretendem alguns teólogos cristãos.

Com efeito, para Herculano a idéia de Deus está renascendo nos Espíritos e será sobre este renascer que se produzirá a verdadeira mudança do mundo e do homem. Por mais que digam os negadores da Causa Suprema seu Ser e Princípio estão sempre presentes tanto no laboratório do homem de ciência como nas investigações metafísicas do filósofo. Por isso a filosofia espírita, acusada injustamente de promotora do ateísmo e materialismo, é uma das forças espirituais mais poderosas para conter todas as formas de niilismo e o ceticismo. Se o materialismo tem de ser alguma vez definitivamente contido isso se operará pelo novo realismo espiritual que apresenta o Espiritismo. Não há outra demonstração mais objetiva de espiritualidade do homem do que a apresentação

do fenômeno mediúnico em seus mais variados aspectos.

Conosco, Herculano admitia que a igreja cristã não deve ver no Espiritismo um adversário, mas um excelente colaborador para impedir que o ateísmo e o materialismo terminem por apropriar-se da alma humana. E esta colaboração espírita não deixaram de vê-la homens de valor filosófico como Gabriel Marcel, que realizava sua posição metafísica sobre a base dos fenômenos mediúnicos.

Em seu livro Revisão do Cristianismo J. Herculano Pires busca, sobre bases lógicas e positivas, uma revalorização não da essência cristã porque a considera pura e divina, mas das variadas interpretações teológicas que se têm feito de seus princípios. Poder-se-ia dizer que a obra de Herculano neste sentido só trata de recristianizar a inteligência a fim de que o ceticismo moderno chegue a compreender que o Cristianismo é uma verdade divina em todos os momentos da humanidade. Esta revisão do ideal cristão está para nosso filósofo em relação com o advento da era cósmica; a inteligência de posse já de uma cosmovisão que ultrapassa os limites da

terra percebe um novo sentir do Cristianismo e se sente por isso unificada à vida universal. Se o Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida para a humanidade, o Cristianismo será a nova sociologia que estabelecerá sobre a lei da justiça, amor e caridade uma nova ordem social.

Não obstante todos os que têm dito e escrito sobre o Cristianismo, esta idéia divina do homem e do universo possui partes totalmente inéditas que, com o despertar dos Espíritos, se irão paulatinamente conhecendo. Com efeito, toda "desfiguração" do Cristianismo será solucionada pelos novos conhecimentos espirituais do saber espírita. Pois até o materialismo histórico deverá inclinar-se ante o Cristianismo se em verdade deseja estabelecer com sinceridade um novo sistema social na humanidade. Toda mudança do mundo sem os valores profundos do Cristianismo resultará frágil e errôneo. A verdadeira revolução será feita pela idéia da imortalidade da alma assentada sobre os fenômenos mediúnicos.

Podemos dizer que a visão espírita do Cristianismo sustentada por Herculano Pires tem superado a crítica histórica e filosófica do próprio Ernesto Renan. Pois enquanto o pensador francês

desemboca numa concepção materialista acerca da figura de Jesus e de seus ideais redentores, o pensador brasileiro, não obstante sua apreciação espírita da idéia cristã, que dissente como é lógico do conceito eclesiológico, leva-nos a um transcender cristão da pessoa humana, fazendo-nos ver que a vida do Ser não perde nos frios abismos do nada. É que a concepção espírita do Cristianismo tem superado notavelmente a de Renan e de todos os racionalistas do século XIX. Com o Espiritismo o Cristianismo penetra em todos os mundos que volteiam pelo espaço, unindo-se assim em um divino consórcio de plantas e almas à vida universal. O filósofo brasileiro procurou demonstrar em seu livro Revisão do Cristianismo que a Idéia Cristã é imortal não obstante os mais ousados avanços do conceito materialista da existência.

Mas onde Herculano se mostra um profundo filósofo da história é em sua obra O Espírito e o Tempo em que o próprio Nicolas Berdiaeff encontrara novas noções para estabelecer uma real e autêntica historiosofia cristã. O pensador brasileiro vê nos períodos da história verdadeiros momentos existenciais enraizados no ser



espiritual do homem. O processo histórico para ele está conformado por ciclos nos quais participaram os Espíritos mediante o processo de suas reencarnações. No primeiro Congresso Internacional para o Estudo da Reencarnação (1), apresentamos uma tese que versava sobre a A Reencarnação é o Sentido da História. Herculano Pires, ao conhecer nosso ponto de vista filosófico, aceitou-o como um acerto escatológico destinado a decifrar o que foi denominado "o mistério histórico". Em seu livro O Espírito e o Tempo coincide amplamente com nossa concepção da história porque via nela a intervenção de seu verdadeiro protagonista: o homem como Espírito reencarnado e motor fundamental de todo processo histórico.

*(1) - Realizado em Buenos Aires em 1946.*

Esta concepção da história nos pôs de acordo quanto aos valores do método dialético aplicado ao conhecimento do determinismo histórico e da grande analogia que possui a dialética hegeliana com a concepção palingenésica do homem. Por isso, com ele temos convindo em reconhecer que o Espírito Absoluto de Hegel não é outra coisa que o Espírito imortal visto através de seus processos evolutivos. O Tempo para nós é um

meio através do qual passa o "tempo relativo" do ser até alcançar as essências do tempo real e infinito dependente do divino. Todo o tempo submetido ao processo da evolução, ou das sucessivas reencarnações do ser, é um tempo "defeituoso" como o sustenta a filosofia cristã de Nicolas Bardiaeff. O Espírito vindo do Ser Absoluto ou Espírito Puro, como o expressa Kardec, se libera de toda forma imperfeita do tempo e penetra no que é eterno no mundo dos Espíritos.

O Espírito e o Tempo é um livro que deveria ser estudado em todas as faculdades de filosofia da América a fim de penetrar nas variadas "imagens históricas" através das quais passam os Espíritos. A filosofia universitária sem a visão espírita da História fica aprisionada nos enganos apriorísticos de Kant e para sair deles só é possível por meio de uma historiosofia palingenésica como vê J. Herculano Pires.

O criticismo espírita do filósofo brasileiro tem contribuído para o conhecimento do Espiritismo como ciência filosófica. Seu labor enraíza no mesmo sentir do filósofo espanhol Manuel González Soriano manifestado amplamente em

sua obra quase desconhecida *El Espiritismo es la Filosofía*.

## VI

### A filosofia espírita na América Latina

A filosofia espírita na América Latina tem alguns representantes de muita relevância intelectual; entre eles se encontra J. Herculano Pires, cujo ensaio intitulado *Introdução à Filosofia Espírita* define-o como uma de suas principais figuras filosóficas. Seu pensamento indagador e teórico penetrou nas correntes mais profundas das idéias filosóficas modernas com o único propósito de compará-las com o pensar espírita. Pode-se dizer que ele familiarizou muita gente com os temas metafísicos pouco comuns no ambiente espírita. Graduou-se professor de filosofia para ter maior autoridade em seus estudos e poder demonstrar que, com efeito, se o Espiritismo não penetra na via filosófica da qual falou Kardec, seu saber integral ficará por muito

tempo desconhecido. Na América Latina felizmente são vários os homens que elaboraram uma tarefa filosófica sobre as bases ontológicas do Espiritismo. Uma das principais figuras foi Manuel S. Porteiro que iniciou na Argentina as teorizações espíritas do Espiritismo Dialético. Mas sua principal obra que leva precisamente essa denominação é muito pouco conhecida entre os espíritas do Novo Mundo. Existe acerca do humanismo social espírita verdadeiros juízos errôneos pois tudo o que tende para esta matéria filosófica é considerada com uma penetração nos campos da política.

O pensador brasileiro fez grande esforço para destruir esta errônea apreciação acerca do pensamento social espírita; mas muito pouco tem sido alcançado em favor deste tema tão importante nestes momentos. Herculano corroborou decididamente este pensamento de Manuel S. Porteiro: "O Espiritismo não é uma ciência para falar só com as entidades desencarnadas. É também uma doutrina para encarar os erros do mundo e tratar de resolvê-los mediante o novo sentido de justiça social que nos revelam os Espíritos Superiores". Quando

Herculano conheceu este pensar de Manuel S. Porteiro estimou-o grandemente e tratou de estudar sua obra por concordar com seu pensamento filosófico.

O pensar espírita dialético de Manuel S. Porteiro difundiu-se por vários lugares da América Latina, encontrando eco especialmente entre a juventude; mas não se advertiu que esta filosófica não intervém em nada no marxismo nem na política. Pois toda a tese que sustenta está relacionada com a aplicação do método dialético aos processos morais do ser e da história, quer dizer, é um enfoque dinâmico e vivo do que representa o determinismo moral e causal de homens e povos. O desconhecimento da dialética como ciência espiritual do ser traz como consequência essa repelência de muitos setores espíritas. Mas a filosofia espírita pode dizer-se que tem deitado suas bases no Novo Mundo tal como o concebia Kardec. Vejamos por conseguinte os homens da América Latina que têm elaborado um pensar espírita-social baseado profundamente na dinâmica criadora do Cristianismo.

Na Argentina Cosme Marino com seu estudo sobre Concepto Espirita del Socialismo; Santiago A. Bossero e sua obra Escritos para una Nueva Edad del Hombre; em Cuba S. Paz Basulto e seus livros Militância Espírita e Las Tareas del Movimiento Espirita en esta Hora e El Derecho Penal de los Espíritas de Fernando Ortiz; no Brasil, Deolindo Amorim com seus enfoques sobre O Espiritismo e os Problemas Humanos e os ensaios sócio-espíritas Os Espíritas e as Questões Sociais de Eusinio Lavigne e Souza do Prado e Socialismo Cristão de Elzio Ferreira de Souza; em Porto Rico o pensamento social de Rosendo Matienzo Cintrón e do grande poeta espírita Ramón Negrón Flores; no México as escritos Socialismo y Espiritismo de Rufino Juanco, assim como o que se encontra em revistas de fim de século pertencentes a Refugio Gonzalez e Francisco Indalecio Madera, etc., dão uma mostra do desenvolvimento da idéia social encarada através do conceito filosófico espírita. E se nos internamos na cultura spiritista do Velho Mundo encontraremos ensaios sociológicos de Léon Denis, Remo Fedi, J. Bouvéry, Louis Forcaude e outros que corroboram a obra

sociológica realizada na América Latina por destacados espíritas. Não devemos ignorar ademais o labor de análise dos fenômenos sociais feitos no Chile por Ernesto Moog e na Venezuela por José Heriberto Blanco, países estes onde a Doutrina Espírita procura criar uma nova consciência social baseada no socialismo cristão.

J. Herculano Pires como Manuel S. Porteiro foi um esforçado partidário da concepção espírita da dialética, a ponto de proclamar sem rodeios sua admiração pelo idealismo hegeliano, no qual se encontram notáveis coincidências com o pensar filosófico espírita. Gustave Geley fez repetidas vezes referências sobre a dialética hegeliana ao encarar a filosofia das vidas sucessivas do ser.

Não obstante foi criticado por esta inclinação para a dialética de Hegel como se o espírita devesse admitir as conclusões ideológicas do materialismo histórico. Herculano foi eminentemente progressista mas jamais aceitou desvios que afetassem a pureza da Codificação Kardeciana. Seu pensamento filosófico manteve-se sempre fiel à essência gnosiológica da Doutrina Espírita, pois ele cuidava tanto do

pensamento como da palavra que o expressava; daí suas lutas contra as adulterações de certas traduções doutrinárias.

A tudo que expressamos devemos ajuntar alguns fatos que realmente honram a tarefa espírita filosófica na América Latina. Referimo-nos à intervenção de Deolindo Amorim na Sociedade Brasileira de Filosofia (Rio de Janeiro), ao pronunciar ali uma conferência sobre o Pensamento Filosófico de Léon Denis com motivo no cinquentenário de desencarnação do célebre pensador francês. Deolindo Amorim é sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Filosofia, possuindo por isso o diploma correspondente "no qual figura o nome de Léon Denis como patrono escolhido pelo titular da cadeira n.º 8". Ao começar sua dissertação Amorim expressou: "Uma das características desta Sociedade, Senhor Presidente, é a composição heterogênea de seus quadros. Indiscutivelmente, a Sociedade Brasileira de Filosofia é uma das poucas, senão raras instituições culturais que conseguem aglutinar, neste país, sem prevenções nem retraimentos, as mais diversificadas correntes filosóficas, representadas por elementos filiados a



antagônicas tendências religiosas, sem que haja, apesar disto, a menor preocupação de concorrência ou de hostilidade. Basta dizer que fazem parte desta sociedade, indistintamente, católicos, positivistas, espíritas, materialistas, teosofistas, agnósticos, por exemplo, e todos se sentem à vontade, como homens livres, porque esta sociedade nasceu e se formou sob a inspiração do mais alto e mais compreensivo espírito de tolerância".

O espírito liberal da Sociedade Brasileira de Filosofia honra, como poderá ver-se, a tarefa filosófica da América Latina ao não opor restrições à livre expressão de idéias. Mas este fato repetiu-se em instituições jurídicas do Brasil quando Deolindo Amorim fez conhecer O Direito Penal dos Espíritas, obra do destacado criminalista cubano, discípulo de Lombroso, doutor Fernando Ortiz (ver seu livro Criminologia e Espiritismo).

J. Herculano Pires me falava em suas cartas com entusiasmo desse liberalismo ideológico quando me fez conhecer sua brilhante atuação para dar a conhecer a antropologia espírita na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Em Buenos Aires outro filósofo espírita de grande envergadura humanística foi Juan Elso Soulé, autor de trabalhos como Kardec en el Tiempo Abierto de la Historia e En Torno al Espiritismo e el Problema de la Historia, ensaios publicados em revistas como Predica e La Fraternidad. Em ambos trabalhos Juan Elso Soulé demonstra que o pensamento espírita pode em realidade revitalizar a cultura humanística cristã e, por sua vez, restaurar os valores morais do homem sobre as bases das vidas sucessivas do ser. Mais ainda: esboça um esquema espiritual do universo onde o pensamento filosófico e religioso vem de indiscutível unidade gnosiológica.

Como se verá, o pensamento filosófico espírita se desenvolveu mais no Novo Mundo que na Europa que é onde estão as fontes clássicas da filosofia. Mas isso se deve ao destino histórico da América, pois o próprio Emmanuel tem destacado o papel orientador que terão nossos povos na evolução espiritual que os espera. Na obra mediúnica A Caminho da Luz expressa este parecer com respeito ao destino da América e este mesmo livro representa uma notável contribuição

à elaboração espírita filosófica a que nos estamos referindo.

O próprio saber mediúnico obtido mediante a maravilhosa psicografia de Francisco Cândido Xavier adverte-nos de que representa o espírito filosófico do Novo Mundo. E não se esqueça de que J. Herculano Pires teve pela obra de Chico Xavier a mais profunda admiração e foi um dos seus mais inteligentes explanadores e divulgadores. Pois ele compreendia que a aparição no Brasil de uma literatura mediúnica tão densa, filosófica e cristã era o sinal de que a nova consciência da humanidade se afirmaria mais em terras americanas que europeias.

A plêiade de filósofos espíritas na América Latina tem vinculação com a mensagem mediúnica recebida nela. Se é certo que a cultura universitária mostra-se renitente com respeito a uma concepção do Espírito tal como o apresenta o Espiritismo, isso não é obstáculo para que nos países latino-americanos floresça uma nova consciência filosófica sobre a base do pensamento espírita.

Muito também havia para dizer com respeito a obra filosófica realizada na Espanha. Se

evocamos os nomes de Manuel González Soriano, Eduardo Nino, Quantin López Gómez, Rodrigo Sanz, Satya Vanin, Albérico Perón, Celestino Cel, etc., ficaremos assombrados com a tarefa filosófica que realizaram e com a influência que exerceram sobre pensadores espíritas argentinos como Emilio Becher, Manuel S. Porteiro e Manuel Saenz Cortés. Espanha, pode-se dizer, é origem do filosofar espírita e isto estava no juízo crítico de Herculano, razão pela qual se dedicou a estudar com sumo interesse as bases da filosofia da essência tão em voga na pátria de Cervantes.

Se Allan Kardec disse que a grandeza do Espiritismo seria vista ao penetrar na via filosófica, esteve como que pressentindo o destino filosófico do Novo Mundo. Se a filosofia universitária se perde entre densas nebulosidades metafísicas, a filosofia espiritual e existencial que emana do Espiritismo despejará essas grandes nuvens e com José Ingenieros, por quem Herculano sentia grande admiração, terá que se conhecer entre os cultores das ciências do Espírito os espíritas como os mais leais ao ir diretamente ao conhecimento da verdade.

## VII

### O sentido histórico da Terceira Revelação e o Espírito da Verdade

Para J. Herculano Pires, falar de uma terceira revelação no processo espiritual e religioso da humanidade não é cair na fundamentação de uma nova religião. No conceito de historicidade de uma terceira revelação admitíamos com o filósofo brasileiro o Espiritismo enraizado no processo da história e não a consequência, como alguns pretendem, de uma doutrina estabelecida sobre certos fenômenos desvinculados do histórico. Pois se a filosofia espírita fosse uma "teorização individual", acomodada a uma fenomenologia de caráter supranormal não poderia revestir nunca o sentido de historicidade que possui. Se o fenômeno religioso se inicia com o mosaísmo e se renova com o advento do Cristo, devemos pensar que o Espiritismo é uma síntese de dois fatos anteriores. Quer dizer, a Doutrina Espírita

não é o produto mental de um filósofo mas uma expressão espiritual do processo religioso da humanidade.

Com efeito, por ser o Espiritismo uma consequência de dois fatos religiosos anteriores, isso nos assinala que está dentro do processo histórico e por conseguinte se acha dentro do plano divino da história. Tenha-se em conta que o que está dentro do processo histórico não poderá ser contido nem desvirtuado pelos homens; chegará tarde ou cedo à meta que lhe corresponde alcançar. Com este ponto de vista devemos admitir que a história possui o Espiritismo e o Espiritismo possui a história. De modo que a relação não é um produto da teologia, pelo contrário, constitui uma manifestação natural do processo histórico. Porque o histórico é um processo inteligente produzido pelo advir palingenésico dos Espíritos, que resume todo o espírito das idades em um ser coletivo que se agiganta na medida em que o homem evolui. O ser da história é devido à realidade imortal do Espírito, pois o mortal é só um acidente na vida do homem. Na mudança, a imortalidade do ser é a única razão que pode justificar a permanência do

histórico frente aos cataclismos que se sucedem no tempo. Mais ainda: se a eternidade não fosse uma propriedade do homem e das coisas, a desagregação do histórico seria a consequência de tal fato. Portanto, se há consciência do histórico, isso é devido ao fundamento imortal do ser espiritual do homem.

Pois bem a revelação advém de uma forma mediúnica do processo histórico; por isso é que a história resulta numa prova da existência de Deus. Nisto se assentava o pensamento filosófico de J. Herculano Pires, pois ele afirmava que se Deus não existisse tão pouco poderia existir o processo histórico. O Espírito da Verdade é quem preside o processo histórico da revelação religiosa. O filósofo brasileiro fez um excelente estudo sobre o significado espiritual do advento do Espírito da Verdade baseando-se na magnífica comunicação mediúnica que Allan Kardec colocou como prefácio em seu livro O Evangelho segundo o Espiritismo, porque ela "resume o autêntico caráter do Espiritismo". As virtudes dos céus, que são os Espíritos do Senhor, são pois os motores reais do processo histórico e não os fatores físicos como admite o conceito

materialista. A história depois de responder ao pensamento divino é a resultante do mundo invisível constituído por um ser coletivo que se identifica com o nome de Espírito da Verdade. E era necessário que essa entidade formada por uma legião de Espíritos Superiores determinasse o processo da revelação religiosa já que a inteligência do homem está desprovida das faculdades que lhe permitem captar o verdadeiro plano espiritual da evolução. Não se esqueça de que todo saber do homem pode estar sujeito a erros por causa da relatividade de sua inteligência. Em consequência, a mente humana não pode abarcar o saber que contém seu ser e o universo. Isto nos faz ver que o conhecimento humano é relativo, razão pela qual deverá estar assistido pelas luzes da revelação, que, como vemos, se opera pela intervenção do Espírito da Verdade. Por isso o conteúdo de O Livro dos Espíritos é um saber digno de ser aceito porque provém de uma Mente desencarnada. Por outro lado o conhecimento que nos vem de uma mente encarnada está sujeito a erros e desvios. Pois bem, esta insegurança do saber é corroborada por Léon Denis quando diz: "A ciência é incerta e



mutável, renova-se sem cessar. Seus métodos, suas teorias, seus cálculos, feitos com trabalho, se desmoronam ante uma observação mais atenta ou uma indução mais profunda, para dar lugar a outras teorias, que não serão mais definitivas que as primeiras" (ver O Problema do Ser e do Destino).

O doutor Charles Richet também reconheceu a falibilidade do conhecimento ao dizer: "A ciência tem sido sempre uma série de erros e aproximações, constantemente evoluindo, constantemente modificada, e isto tanto mais rapidamente quanto maior foi seu progresso" (dos "Anais das Ciências Psíquicas", pág. 15, janeiro de 1905).

Como vemos, a instabilidade do saber humano tem necessidade de ser secundada pelas revelações do mundo invisível e aceitar por isso o processo da Terceira Revelação e a manifestação do Espírito da Verdade. Herculano Pires sustentava que esta concepção do Espiritismo não significa dúvida da inteligência humana nem reconhecer uma nova forma de crença religiosa. Ele admitia a grandeza mental do homem mas também não deixava de ver sua propensão ao

erro. Por outro lado, o conceito de Terceira Revelação é a consequência de uma lógica histórica que conduz, dizia, a reconhecer no plano do universo uma elevada finalidade em torno do problema filosófico e religioso.

Em carta dirigida a J. Herculano Pires sobre este tema dissemos o seguinte:

O conhecimento por mais pensado e elaborado que seja terá sempre a seu lado outra forma de conhecer porque o homem não pode alcançar nunca todo o conhecimento do ser. O homem possui apenas um grau de conhecimento, que vai ampliando mediante seu devir espiritual e palingenésico. O conhecer é um ato da inteligência que se opera tanto no homem encarnado como no desencarnado. Suas noções chegarão à inteligência com maior intensidade na medida em que os obstáculos físicos desapareçam.

Para o materialismo dialético existe uma só forma do homem e da vida e é a física e material, mas para o Espiritismo o homem não está totalmente no corpo nem na matéria porque reconhece que o traje que usa para vestir-se não é todo o ser do homem. O ser humano para o

Espiritismo é um constante estar na vida infinita tanto com o corpo como fora do corpo; por isso todo saber que adquire o Espírito é relativo, posto que o conhecimento é uma contínua transformação de noções sempre renovadas, que adquire mediante as vidas sucessivas que vive.

Por isso é necessário considerar que o conhecer não vem de nosso exclusivo contato com o mundo físico. O conhecimento tem pois suas fontes na sabedoria natural invisível que imanta a todo o existente; mas pode manifestar-se tanto a partir de uma mente encarnada como desencarnada.

Para o materialismo dialético o conhecer é o lucro das funções cerebrais; o cérebro ao gerar o pensamento dá origem ao conhecimento. Mas, estaria seguro de que é o cérebro que produz o pensamento? E se o produz de que modo esse pensamento advém inteligente e está em condições de conhecer a verdade e não cair no erro? E se o cérebro produz o pensamento, por que é lógico e inteligente e sabe o que é correto ou incorreto?

Isto é, querido amigo, o que nos leva a admitir que o conhecimento não é uma invenção ou uma

criação do cérebro, senão que pode ser a conquista do Espírito mas também intuição, inspiração e até revelação, ou seja, que pode provir de um plano onde a mente desencarnada pode atuar e apreender conhecimentos com a maior amplitude e profundidade (1).

*(1) - Ano 1970*

## VIII

Manuel S. Porteiro e J. Herculano Pires,  
expressões de uma mesma raiz filosófica

Em nossa América não é freqüente o estudo da filosofia clássica nem da espírita. Os filósofos no continente americano são grandes solitários cujo trabalho só é conhecido por uma ínfima minoria. E entre os contrários do saber filosófico se contam lamentavelmente os espíritas, esquecendo-se que Manuel González Soriano escreveu um grande livro intitulado *El Espiritismo es la Filosofía*. Herculano entretanto levou isso muito em conta, coincidindo assim com a visão espírita de Porteiro.

A ignorância do saber filosófico na América se dá até entre a massa católica que conta com o apoio dos Estados e as notáveis orientações teológicas do Tomismo. Vale dizer que o Espírito da filosofia não está desenvolvido sob nenhum ponto de vista, sendo isso a causa da prostração espiritual e social dos povos americanos.

Manuel S. Porteiro reclamava dos dirigentes espíritas o estudo da filosofia, dando assim base à recomendação de Allan Kardec ao dizer que o Espiritismo devia penetrar na via filosófica. J. Herculano Pires coincidiu neste aspecto com Porteiro: ele também tratou de introduzir na literatura espírita o espírito da filosofia. Seu notável trabalho *Introdução à Filosofia Espírita*, dedicado à juventude universitária de seu país, dá prova disto. Mas, lamentavelmente, sua obra é desconhecida ainda em seu próprio chão onde o movimento espírita é grande do ponto de vista popular.

Quem penetra nas tradições religiosas do Novo Mundo, tais como as incas, maias e astecas, descobrirá uma surpreendente relação entre as idéias palingenésicas do Espiritismo e suas crenças naturais na reencarnação. A alma do

Novo Mundo estava possuída por um sentir religioso que ressoava com a filosofia espírita da palingenésia espiritual do ser. A visita que fizera Helena P. Blavatsky ao Peru dá conta do que dizemos, ocorrendo mesmo com a do doutor Mario Roso de Luna à Argentina, que constatou em suas lendas e símbolos regionais a idéia ascendente do ser sobre as bases da reencarnação. Pode dizer-se que toda a Antigüidade americana está impregnada pela tradição ocultista.

J. Herculano Pires insistia em torno de um filosofar espírita na América por causa do conteúdo espiritual e religioso de suas tradições. Manuel S. Porteiro propiciava um renascimento filosófico sobre a base de uma filosofia espírita do ser e da história. Porém, suas indicações ficaram esquecidas porque segundo o dizer de alguns o Espiritismo não é campo propício para a filosofia.

Manuel S. Porteiro e J. Herculano Pires sustentavam que a revitalização do cristianismo só se daria por uma decidida influência nele da filosofia espírita. Opinavam, quase analogamente, que a doutrina da Encarnação de Jesus só encontraria compreensão entre as massas quando

a filosofia espírita afirmasse sobre ela a doutrina da Reencarnação. Ou seja, Encarnação e Reencarnação dariam vigência ontológica à idéia do ser como entidade dependente de Deus e ao desenvolvimento de suas essências íntimas e divinas. Ajuntavam que esse fenômeno se alcançaria mediante um sólido trabalho filosófico no campo militante do Espiritismo.

G. Tiberghiem, professor da Universidade de Bruxelas, deixou estabelecida a missão da filosofia. Esta missão foi aceita por Porteiro não obstante o critério de indefinição que ainda impera quanto ao papel da tarefa filosófica. Herculano participou do mesmo critério: para ele a filosofia não é um exercício desvinculado do sentido da vida. Quando a filosofia não revela um verdadeiro conceito ontológico sobre o qual pode assentar-se uma verdadeira teologia do ser e da história, possui apenas um caráter pessoal e particular e não poderá incidir sobre o Espírito ou o ser no sentido existencial e universal. Herculano, coincidindo com Porteiro, aceitava uma missão da filosofia, posto que ela só possuirá significado se orientar o homem para a apreensão real e profunda do sentido da existência.

Coincidia com o pensamento de Max Scheler, que dizia que na Antropologia os seus aspectos científico, filosófico e teológico não se correspondem entre si nem se conhecem reciprocamente. O pensador brasileiro admitia um saber integral da filosofia correspondendo-se com todos os seus conteúdos. Deste modo coincidia com os filósofos espíritas espanhóis que aceitavam um saber único e universal sobre a base de um conhecimento da essência como elemento uniforme dos seres e das coisas.

A América em sua realidade histórico-social assim como a cultura européia necessitam de um saber filosófico que estabeleça em suas áreas existenciais uma unidade espiritual que as unifique dentro do processo de evolução. O pensamento espírita, sem desestimar a experiência da filosofia tradicional, tende a estabelecer uma unidade do ser em todos os âmbitos da inteligência. O Espírito para J. Herculano Pires é uma realidade essencialmente uniforme, mas com graus em seu desenvolvimento. Os graus do ser à luz do pensamento espírita são a consequência de seus processos morais, pois não há estados de



consciência superiores sem progressos palingenésicos nem um conhecimento real do homem sem uma penetração preexistencial do seu ser. Ou seja, a filosofia espírita é preôntica, admite um preexistir do Espírito cujo processo existencial se resume em sua existência atual determinando o seu futuro. Assim conceituava Herculano o ser do homem, pois admitia a reencarnação do Espírito como uma necessidade ontológica para estabelecer uma verdadeira filosofia cristã da história.

Na base de sua elaboração filosófica participava a ação mediúnica do mundo invisível, o que unia sobre novas bases religiosas a filosofia com a revelação. O saber humano para Porteiro como para Herculano está continuamente secundado pelo saber mediúnico. Ou seja, a inteligência encarnada é iluminada em suas meditações pela mente desencarnada dos Espíritos Superiores.

As contradições históricas que está vivendo a América necessitam, para serem superadas, de uma filosofia dialética que extraia suas causas do fundo preexistencial da história. Faz falta uma filosofia espiritual que recorde as vidas anteriores

da América, porque os gêneros de vida dos povos americanos são a consequência de seus processos palingenésicos, o que Herculano demonstra em seu livro *O Espírito e o Tempo* ao penetrar na essência da história universal. O ser é uma constante série de transformações e esta série de transformações individuais se opera às vezes sobre a base do processo espiritual dos povos. Pode dizer-se que para a filosofia espírita não só reencarnam os indivíduos como entes espirituais, mas que este processo se opera também na alma das nações. A história como é lógico deduzir é um processo palingenésico; está conformada de mortes e renascimentos sem que o não-ser e o nada a interrompam em sua constante transformação moral.

O Espírito da América do qual falou tão profundamente. José Martí ao referir-se à hipótese de uma antevida, achará na concepção espírita da história uma verdadeira interpretação sócio-antropológica. O homem para Herculano não é um composto físico-químico que se dilui no não-ser; o ser é para ele uma evolução constante para o Espírito. E a síntese de sucessivas existências que se atualizam em pessoa espiritual

e em consciência evoluída. É a formação moral dos Espíritos em relação com o desenvolvimento geral dos povos.

Esta concepção filosófica nos leva a considerar que todo solipsismo ético resulta infecundo tanto para a família como para a sociedade. Herculano considera que a realidade ética reside na moral dinâmica que abarca o objetivo e o subjetivo afastando-se de toda forma moral pessoal (veja seu livro O Reino).

A América para liberar-se deverá inspirar-se na concepção espírita da história tal como a conceberam Porteiro e Herculano. Ambos pensadores encararam uma sociologia dinâmica sem prescindir da essência cristã do Espiritismo; deram à história uma significação existencial longe do materialismo histórico, mas muito perto do sentido de justiça enraizado no amor e na caridade como a entendia Kardec.

Manuel S. Porteiro sustentava que a América não podia ser encarada historicamente sobre a base de um materialismo histórico absoluto. As raízes espirituais do continente americano se assentam em tradições religiosas onde o Espírito é o fator principal de sua existência. Por tal razão,

só a filosofia espírita poderá dar ao Novo Mundo uma sociologia que concorde com suas características etopéicas. Herculano admirava esta visão americana de Porteiro e participava da mesma em suas elucubrações filosóficas. O porvir da América foi anunciado por esta entidade espiritual chamada Emmanuel para quem o Novo Mundo será a base de um novo renascimento espiritual com a humanidade inteira. Entretanto, nas nações latino-americanas a elaboração de uma autêntica tarefa espírita-filosófica não existe. Apenas podemos contar com os nomes já citados e lamentavelmente nada conhecidos. Deste modo, o Espiritismo permanece em tal sentido estacionário, sem se conhecer por isso o seu gênio filosófico nos ambientes da cultura oficial e universitária.

Sabemos da simpatia que Herculano e Porteiro encontraram entre a juventude americana, mesmo entre a que não participa das concepções espíritas. Jovens universitários se reconciliaram com o sentido da vida mediante as obras de ambos os pensadores. Por isso seus livros deverão ser divulgados para estabelecerem um novo ponto

de partida idealista na evolução espiritual e social dos povos americanos.

## IX

### Intérprete fiel da Codificação Kardeciana

Herculano Pires foi um dos mais profundos intérpretes filosóficos da obra de Allan Kardec. Infatigável pensador, aprofundou-se na Codificação Kardeciana de um modo realmente hermenêutica. Colocou Kardec no plano dos grandes pensadores universais e estamos convencidos de que só assim o grande mestre francês liquidará o anonimato em que a cultura contemporânea o tem afundado. Nem os próprios compatriotas de Kardec se ocuparam tão profundamente dele com o fizera J. Herculano Pires. É que este brilhante filósofo não escrevia sobre o Espiritismo para dar publicidade à sua própria pessoa; escrevia sob a ação de um imperativo filosófico em relação com elevados propósitos espirituais. Pois quem tenha estudado

sua obra e seu caráter poderá chegar a perceber uma espécie de mediunização literária e filosófica no autor de O Espírito e o Tempo. Sua inteligência atuava em relação com o mundo invisível e foi por isso que em seu trabalho intelectual se refletia uma pureza extraordinária, já que só assim se opera essa consubstanciação entre o homem e o médium postos a serviço das grandes verdades espirituais.

Allan Kardec era para J. Herculano Pires o centro de um imenso propósito espiritual, ou seja, viu nele a centralização de um novo conceito filosófico e religioso acerca do homem e do universo. Não obstante conhecer a concepção teosófica, sua vocação filosófica se inclinou para o Kardecismo ao captar a grande tarefa que devia realizar em favor do Cristianismo. Compreendeu o grande papel que Jesus desempenhou no processo histórico da humanidade reconhecendo que só por Ele a história se canalizará um dia sobre os autênticos trilhos do verdadeiro sentido social e religioso.

Recordamos com profundo interesse sua interpretação do que significa para a humanidade o advento do Espírito da Verdade. Era pois um

autêntico filósofo do Espiritismo sempre disposto a defender suas verdades e sua mais acrisolada pureza doutrinária.

Consideramos este pensador espírita como um verdadeiro intérprete do gênio Kardeciano. Teve uma vivência da moral espírita e isto foi a resultante de seu rijo vigor doutrinário e da gravidade filosófica que emanavam de seus estudos doutrinários. O intrascendente não era aceitável para Herculano dentro das belezas espirituais que possui o Espiritismo. Era um ideólogo do Kardecismo mas por sua vez se mostrava como uma estrela da concepção espírita. Em tudo, como Léon Denis, tratava de descobrir a verdade e a beleza. Era por sua vez humilde e tolerante porque a beleza e a verdade conduzem sempre ao Evangelho de Jesus.

Praticava a moral evangélica e foi por isso que viu na Codificação Kardeciana a maior restauração filosófica e religiosa do Cristianismo.

Allan Kardec para Herculano possuía a mesma significação que René Descartes e seu Discurso sobre o Método. A razão achou em Kardec o método adequado para redescobrir as essências espirituais do conhecimento. Deu com a

Codificação um método espiritual para reencontrar as verdades filosóficas e religiosas alteradas pelo temporal-humano. Herculano viu em O Livro dos Espíritos um discurso do mundo espiritual dado à humanidade. E quanto à razão humana, analisada psicologicamente em suas contradições por Ernesto Bozzano (ver sua monografia Psicologia da Razão Humana), se se despojar dos prejuízos que ainda a dominam a Codificação Kardeciana será o novo discurso do método espiritual que permitirá ao homem entrar em relação com o mundo dos Espíritos e conhecer o verdadeiro sentido da vida.

Em sua Introdução à Filosofia Espírita Herculano estuda a ontologia espírita comparando-a com as concepções clássicas referentes ao ser. O Espírito é para ele um ente reencarnante que passa através do processo histórico mediante as existências que periodicamente vive. Entende que sem as noções espíritas do ser a ontologia é um saber limitado e detido em um beco sem saída ou sem aberturas ao mundo invisível. A ontologia sem o Espiritismo carece de significação existencial. O ontológico advém de um autêntico saber espiritual com bases



assentadas na verdade e quando seu conteúdo está elaborado com essências do Espírito imortal.

O filósofo brasileiro sabia da enorme antítese que existe entre ontologia e niilismo, ou seja, entre ser e não-ser. A Codificação Kardeciana teve nele um rigoroso expositor e por sua vez um filósofo no mais amplo sentido do conceito. Por isso consideramos que Herculano foi realmente um filósofo espírita e foi por isso que fez exposições originais e lógicas sobre a obra de Allan Kardec. Penetrou na essência espiritual do Espiritismo e percebeu que suas verdades estão em todas as latitudes da humanidade. O que o Espiritismo tem dado mediunicamente ao homem - sabia - é a substância mesma da verdade que unificará os povos sob a inspiração do Evangelho de Jesus.

Pois bem, a análise filosófica de J. Herculano Pires sobre a Codificação Kardeciana nos leva a pensar que um dia se recordará uma nova época do processo histórico e será a Idade da Codificação. Pois assim como se falou da Reforma, do Renascimento, falar-se-á da Codificação em cuja idade estará resumida a maior revolução filosófica e religiosa. A

Codificação representará ademais a Idade dos Espíritos dando ao homem um novo sentido da vida. Será algo assim como a Idade Plena da evolução humana posto que nela há de vincular-se definitivamente o mundo visível com o invisível.

Herculano Pires, o filósofo da Codificação Kardeciana, interpretou amplamente este fenômeno espiritual a ponto de tratar da realidade inegável da Religião Espírita. Com efeito, este pensador percebeu na Codificação Kardeciana a realidade da Religião Espírita, a qual tem suas bases na Lei de Adoração proclamada pelo mundo invisível (ver número 649 de O Livro dos Espíritos). Como é lógico, o Espiritismo no pensamento de Herculano não responde a um só aspecto do conhecimento, pois sendo uma manifestação da verdade será um dia a religião espiritual do homem; por isso esboçou um esquema demonstrativo da existência sobre a base da Religião Espírita.

Neste aspecto demonstrou o enlace dialético que existe entre a ciência, a filosofia e a religião. Em consequência, todo o sentir do homem viu integralmente desenvolver-se dentro do

Espiritismo, razão pela qual este destacado pensador não pôde eliminar de suas investigações filosóficas o aspecto religioso que representa para o Ocidente a Codificação Kardeciana. Tratou de demonstrar que a Religião Espírita existe e que é uma necessidade inegável para a alma do homem e de seus povos.

## X

### Para uma novelística bíblico-espírita

J. Herculano Pires é um filósofo mas incursiona nos campos da arte e da literatura. Seu pensamento, como estamos vendo, se introduz em todas as essências do saber, ansioso de desentranhar o mistério do homem sobre as bases da verdade espírita. Em obras como Barrabás e Lázaro, onde a visão existencial e histórica do autor se estende através dos novos métodos psíquicos, age para conhecer as profundidades do Ser. Para isso lança mão da regressão da memória

experimentada na França pelo Coronel Albert de Rochas.

Nosso pensador brasileiro não é um romancista que se encastela em sua imaginação criadora, posto que para ele o mundo do relato deve mostrar-se sobre a base da realidade espiritual do homem. Por isso desce em *Lázaro* às profundidades do passado e revive a vida de um dos seres que esteve em contato com o Mestre de Nazaré, a fim de conhecer realmente aquela existência do "ressuscitado" por Jesus.

Este método constitui para nós o verdadeiro se se deseja escrever sobre as bases reais dos fatos históricos. Por isso nosso autor inicia com *Lázaro* uma renovação na arte de narrar, ou seja, na novela moderna.

Assim já não se escreve "inventando"; o autor escreverá, com base na realidade palingenésica que imanta todas as coisas. Deste modo o destacado pensador brasileiro pôs em prática a tese filosófica de Nicolas Berdiaeff, que sustenta que é necessário buscar as bases da história no pré-ontológico, no mundo preexistencial do homem e do passado.

Da mesma forma Sholem Asch recorre à regressão da memória para ir ao fundo dos tempos e escrever seu famoso livro O Nazareno, onde um judeu em estado de transe narra fatos relacionados com Cornélio, um personagem que muito teve que ver com a crucificação de Jesus.

De fato, a narrativa do escritor que nos ocupa está baseada na realidade espiritual do homem. Nem Lewis Wallace em Ben Hur, nem o Cardeal Wiseman em Fabíola, nem Enrique Sienkiewicz em Quo Vadis conseguiram chegar ao fundo da autêntica história do Cristianismo. Todavia, J. Herculano Pires inaugura no literário um estilo e procedimento narrativo que não é comum entre os romancistas contemporâneos. Por isso seu nome fica ligado ao de Francisco Cândido Xavier, que inaugurou por sua vez a moderna literatura mediúnica. Ambos deram às letras de hoje um novo tom espiritual proveniente do mundo invisível.

Mas se Francisco Cândido Xavier deu origem à moderna literatura cristã com Há Dois Mil Anos, Ave Cristo, Paulo e Estevão, etc., livros estes onde o verdadeiro espírito da tradição evangélica se manifesta sobre a base de

testemunhos presenciais daquela magna idade, Herculano Pires introduz na literatura atual de língua portuguesa um novo elemento criador relacionado com o psíquico da inteligência moderna.

O capítulo V, ou seja O Canto de Betânia é um belo poema onde o evangélico se apresenta como uma erupção lírico-espiritual no presente. Percebe-se nele um gosto bíblico e uma aproximação do Livro dos Salmos; mas toda a sua significação é humana sem deixar de ter profundas ressonâncias religiosas. O historicismo mediúnico tem pois a bela faculdade de reconstruir as idades pretéritas e o escritor de agora só poderá considerar-se como tal se seu espírito for capaz de mergulhar nos grandes enigmas do passado.

Lázaro pareceria em muitas passagens um livro profundamente espiritual e que só um leitor espírita poderá alcançar e compreender realmente. Todo o conteúdo desta famosa obra de Herculano transporta-nos aos antigos meios evangélicos que às vezes se experimenta com um desdobramento psíquico, isto é, como uma

translação à longínqua idade onde Jesus deixou marcas e emanções inolvidáveis.

Seu livro Barrabás tem ressonâncias morais e apresenta enfoques que não se observam nos textos evangélicos. O Barrabás de J. Herculano Pires fala-nos de "outra história" que só poderá ser compreendida à luz do pensamento espírita, pois possui uma relação direta com a "ressurreição moral" do Espírito centralizada na figura sempre atual de seu protagonista.

A teoria de uma "paramemória do tempo anterior" está sempre presente nesta novela, que se nos converte em um documento histórico-mediúnico. Seu estilo está elaborado sobre as bases de um idioma que às vezes se transforma como que desejando evoluir para o antigo hebreu. Se bem seja certo que Lázaro não é uma novela ideológica, não deixa por isso de ter uma inclinação espiritual baseada na realidade da evolução palingenésica do homem. Pois a capacidade supranormal de Lázaro de Oliveira Simões fez com que ele se manifestasse como o mesmo Lázaro ressuscitado pelo Messias, isto é, que ele era nada menos que o Lázaro dos longínquos tempos evangélicos.

Por isso esta obra despertará reticências nos que estão acostumados a olhar o homem através de uma só vida. Mas o livro *Lázaro* é uma novela que inicia uma nova orientação nas letras latino-americanas e que adere, segundo o crítico Wilson Martins, "a um movimento de renovação do romance brasileiro".

Pois bem, vejamos o que o próprio J. Herculano Pires expressa sobre sua produção novelística: "*Lázaro* é o segundo volume da trilogia *Caminhos do Espírito* que iniciei com a publicação de *Barrabás*. O terceiro, em preparo, é *Madalena*. Parti do princípio ou da tese de Wilhelm Dilthey, segundo a qual a transição histórica do paganismo para o Cristianismo se deu em três tempos. E fixei esses tempos em três figuras evangélicas, tentando descobrir, no seu próprio enquadramento histórico as constantes da evolução consciencial em desenvolvimento no tempo de Jesus".

Como se pode ver não há em J. Herculano Pires somente um filósofo; sua inteligência se bifurcava para reencontrar-se sempre na busca da verdade. Mas todo seu trabalho literário tanto na novela como na poesia estava assentado sobre a



mais pura filosofia do Espírito. Todo o desenvolvimento de seus argumentos está em conexão com o seu pensamento filosófico, que é uma constante preocupação neste profundo pensador brasileiro que honra as letras de seu país.

Eis aqui outro pensamento seu que o define como um ser que vive o que pensa e escreve: "Se a trilogia representa a expressão de uma vivência real? Sim, representa. Não vivi os personagens, mas vivi os seus conteúdos. Os conceitos, os problemas representados em Barrabás, Lázaro e Madalena fazem parte de minha própria vivência. Quem leu o meu primeiro romance O Caminho do Meio, publicado em 1954, pela Editora Brasiliense, encontrará muita semelhança temática desse livro com Barrabás. Meu livro de poemas Argila, publicado em 1954, oferece esse mesmo encontro temático. Tudo isso mostra que a trilogia foi sendo elaborada aos poucos na minha vivência anterior".

É por isso que na novela J. Herculano Pires deixará uma profunda marca que vão seguir os futuros narradores brasileiros.

## XI

### O sentido interexistencial da mediunidade

J. Herculano Pires surpreendendo talvez o simplismo cotidiano introduziu a filosofia no mundo espiritual da mediunidade. Fê-lo de forma evidente ao estudar os quarenta anos de Francisco Cândido Xavier no exercício de suas faculdades mediúnicas (ver o livro *Chico Xavier, 40 anos no mundo da mediunidade*, de Roque Jacintho). Apresenta o grande médium brasileiro como uma pessoa espiritual interexistente, isto é, existindo como ser reencarnado entre duas formas de vida: a visível e a invisível. Este enfoque interexistencial da mediunidade nos faz ver que não só o médium é um sujeito interexistente, mas o é também o Espírito reencarnado, posto que participa tanto da humanidade visível como da invisível.

O médium é um ser interexistencial com maior vivência e sensibilidade pelo que significa o contato com a vida em sua dualidade funcional,

ou seja, a visível e a invisível; mas o homem em razão de sua condição de Espírito reencarnado é um ser interexistencial, achando-se por isso, entre o mundo dos homens e o mundo dos Espíritos.

Por isso o mediúnico é um tema filosófico para Herculano e para todos nós que damos à encarnação um novo sentido existencial, pois o médium existe e ao enlaçar o visível no invisível determina o que temos chamado Existência Mediunizada. Consideramos que uma verdadeira vivência dos valores cristãos, como no caso de Francisco Cândido Xavier, coloca o Espírito em um estado de permanente espiritualidade e em comunhão com os elevados planos do invisível. A Existência Mediunizada seria um estar incessante no que é amor e beleza e em um ato contínuo de caridade em relação ao próximo e a tudo o que existe. Mas esta Existência Mediunizada se dá quando o ser alcança elevados níveis morais e espirituais, quer dizer, quando o Cristo é realmente para ele o Caminho, a Verdade e a Vida.

Ao captar o Espírito reencarnado as duas manifestações da vida, isto é, a visível e a invisível, advém um ser interexistencial

ampliando-se assim as noções ontológicas do existencialismo clássico. Porque o existir não é só um estar no visível; à luz do existencialismo espírita o existir é viver no humano e no divino, no material e espiritual. E isto é o que confere à mediunidade um caráter filosófico que determina um ato interexistencial em relação com o vivo processo do mundo circundante. O mediúnico interexistencial é uma realidade da Existência Mediunizada sobre as bases do Evangelho de Jesus. A caridade é uma potência existencial que determina uma nova maneira de estar no mundo e de relacionar-se com os seres e as coisas. O médium como ser interexistencial vive para o mundo dos Espíritos e não para si mesmo. Estar no interexistencial é pertencer a tudo que nos rodeia e nunca a um só círculo ou núcleo humano. Ter pois consciência do interexistencial é estar em contato não só com o semelhante mas com dessemelhantes, quer dizer, com tudo o que existe nos reinos da natureza.

A noção espírita de interexistencial, como a concebia J. Herculano Pires, determina uma relação mais ampla e profunda com o ser. Essa relação alcança até o princípio de vida que vibra

na pedra e no vegetal e se expressa no animal. Porque em tudo está o visível e o invisível, em tudo se encontra a vida tratando de elevar-se a níveis superiores mediante o processo da reencarnação.

O interexistencial que amplia o existencial é uma realidade determinada pela fusão do visível e o invisível. O médium por sua natureza ultrasensível capta com sua interexistencialidade o mundo físico e o mundo psíquico assim como o natural e o espiritual. Os Espíritos que se comunicam com o homem são entidades invisíveis que passam através do médium para penetrar no humano e reconstruir, de certo modo, sua passada personalidade. Mas este importante fato mediúnico só se dará quando a noção do ser encarnado e desencarnado for um novo estado moral de consciência. De maneira que o interexistencial é reconhecer a convivência dos homens e dos Espíritos desencarnados, é admitir que a humanidade visível está interpenetrada pela humanidade invisível, de cuja relação constante se produz o movimento incessante de todo advento histórico e social.

No homem realmente cristão se produz esse estado espiritual que temos denominado Existência Mediunizada e o interexistencial se percebe até nos fatos mais intranscendentes. Francisco Cândido Xavier é realmente um ser cristianizado em grau maior e sua natureza não vive só para o humano, senão que está unido de forma permanente com o visível e o invisível. É um ser mediúnico interexistencial que vive e existe em outra forma de existência.

Herculano Pires ao teorizar o interexistencial apresenta à consideração do pensamento universitário o "outro mundo" do existencialismo que nem Kierkegaard com sua "angústia" cristã conseguiu penetrar nem perceber. Só a noção espírita do Cristianismo e das existências sucessivas do ser conseguiram descobrir a interexistencialidade do homem na terra e o que representam as faculdades mediúnicas como uma entrada filosófico-existencial no mundo dos Espíritos. Quando a inteligência humana reconhecer que vive entre dois mundos ou duas humanidades desaparecerá essa solidão desoladora que afunda na desesperança os Espíritos reencarnados. Toda solidão da alma

deixará de existir porque haverá uma constante relação entre o visível e o invisível e a Existência Mediunizada será como um ato espiritual que reunirá o homem com Deus, a humanidade com seus seres queridos.

Dizia Herculano que "Chico, a Filosofia Espírita e a Mediunidade se fundem numa forma única de vida, caracterizando a existência interexistencial do médium como homem" (ver obra citada, pág. 207).

Com efeito, Francisco Cândido Xavier é um ser interexistente que entregou sua vida a uma missão manejada não por ele exclusivamente, mas por esse universo espiritual que impregnava seus pensamentos de passados e reminiscências. Todavia, este homem-filosofia da Idéia Espírita não se sentia nunca tentado pela vaidade. Desde sua pequenez existencial fala com o invisível porque nele atua o interexistencial de forma permanente. Por isso o pensador brasileiro afirmou em seu originalíssimo ensaio: "Na simplicidade e na sua humildade, o caipirinha de Pedro Leopoldo teve de cismar em muitos crepúsculos, na porta de sua choupana individual, diante das cores misteriosas e das luzes estranhas

de um crepúsculo que não se limitava aos contornos do horizonte terreno. São essas cismas, esse refazer incessante, no íntimo, dos princípios do Espiritismo, em sua aplicação constante a todas as circunstâncias da existência, que nos dão a posição pessoal de Chico Xavier no âmbito da filosofia espírita". (obra citada, pág. idem)

Terá visto o célebre médium em suas profundas meditações, à hora do crepúsculo vespertino, algumas de suas vidas anteriores, vendo como sua alma se unia interexistencialmente com as verdades espirituais? Que vozes escutaria "na porta de sua choupana individual", enquanto seu senso mediúnico se apresentava como uma rosa com espinhos e toda sua encarnação na terra como um Existência Mediunizada?

Gustave Geley, este outro profundo investigador da parte sutil e psicológica da mediunidade falou com grande acerto sobre uma raça de médiuns. Considerou que essa raça mediúnica é a que revela sua condição interexistencial e manifesta a razão que assistia a Herculano ao escrever no começo de seu trabalho: "A mediunidade em si é uma tese



filosófica pouco explorada, praticamente ignorada pela maioria dos filósofos atuais, etc." Mas as correntes espirituais que passam através do homem e dos povos demonstrará que as faculdades mediúnicas são existenciais e interexistenciais e que o verdadeiro homem transfigurado, livre da matéria e da morte, é aquele que vive a Existência Mediunizada a serviço da verdade.

A inteligência espírita avançando para Deus com o Amor e a Ciência demonstrará que os Espíritos foram, são e serão entes vivos e eternos no plano divino da história. Daí a realidade do mediunismo interexistencial teorizado notavelmente por J. Herculano Pires.

## XII

### Busca e aproximação à serenidade

No livro *O Ser e a Serenidade*, J. Herculano Pires nos mostra como o existencialismo niilista e ateu não resolve a problemática existencial nem

tão pouco consegue demonstrar as categorias existenciais do ser. A visão existencial do filósofo brasileiro se assenta na serenidade essencial das coisas e adentra assim no ser tratando de olhar uma "fenomenologia da serenidade" existencial. Tenta, não uma penetração absoluta na plenitude do sereno, senão que apresenta o Espírito como aproximando-se a isto ao responder aos imperativos da ipseidade que vivificam o ser e a essência. Mas fazemos notar que a busca da serenidade na obra de Herculano não apresenta uma evasão da realidade nem tão pouco um escapismo ético do homem ante os grandes problemas sociais. O tema da serenidade representa pois uma atitude frente ao mundo, ou seja, um estado de consciência superior para resistir às forças negativas circundantes, as quais violentam contrariamente o estar-no-mundo do Espírito encarnado.

A serenidade é o estado espiritual em que hão vivido os mais elevados seres da humanidade. Sócrates foi um excelso serenista até no instante de beber a cicuta e Jesus representa a Divina Serenidade na terrível hora do Calvário. Mas estes grandes espíritos, serenos pela plenitude

espiritual que alcançaram, nem por isso deixaram de perceber o drama do homem e da humanidade, vivendo e sentindo suas angústias, dores e contradições.

A serenidade, é bom recordar, não implica um tipo de Nirvana oriental que distância e separa o ser encarnado da prova existencial terrena. Pelo contrário, a serenidade é o grau espiritual que nos permite perceber as divinas essências do Evangelho e alcançar por ele as categorias éticas capazes de evidenciar as essências ainda inéditas do Cristianismo.

Herculano, filósofo espírita acima de tudo, leva-nos a deduzir que as harmonias íntimas que nos dá a serenidade despertam no ser o que Léon Denis chamou alta mediunidade. A serenidade é a que regula a ansiedade, o afã e a gana de que falava Miguel de Unamuno quando o ser se enfrenta com o estar-aí ou com a realidade no encarnado. Por isso o Espírito guia que inspirava os trabalhos mediúnicos de Andrew Jackson Davis dizia: "Em todas as circunstâncias conserva o espírito sereno", o que não é mais que uma confirmação da filosofia da serenidade.

Este livro *O Ser e a Serenidade* do conceituado pensador brasileiro representa uma abertura para as novas especulações gnosiológicas, baseadas no Espiritismo. Mostra-nos como a Doutrina Espírita encara a criação de um novo humanismo dentro do qual se acham os autênticos valores ontológicos para superar as diversas aporias (caminhos metafísicos sem saída) que seguem dando origem aos chamados enigmas existenciais. J. Herculano Pires vai para o ser não só pelo existencial como pelo interexistencial, isto é, entra no ser e na existência através dos fenômenos da Psicologia profunda e da Parapsicologia. Penetra no ser a fim de enfrentar as numerosas fases psíquicas e morais que constituem e se relacionam com todos os seres. Pode dizer-se que dentro da metafísica elaborada na América Latina Herculano é o primeiro a reconhecer dois seres dentro do ser existencial.

Esta dualidade abre para uma neo- interpretação psicológica do homem novos caminhos antropológicos. Por isso lendo *O Ser e a Serenidade* temos impressão de que a serenidade filosófica passa gradativamente à serenidade espírita cristã. Porque o conteúdo de *O*

Livros dos Espíritos é revolucionário e confunde até os últimos redutos da metafísica clássica. O próprio Evangelho é um livro agônico, ou seja, combatente, posto que seu Divino Autor disse: "Eu não vim trazer paz senão guerra". Por conseguinte é um livro existencial que conduz à ação terrenal, mas é também um instrumento religioso para escalar as divinas alturas da serenidade. Com efeito, O Ser e a Serenidade assinala a particularidade de considerar o ser em seu em si interexistencial.

No capítulo XVI, A Espiral da Serenidade, Herculano expõe com amplo critério espírita sua concepção ontológica e como no em si se projeta o para-si, ou seja, como o externo penetra no interior ser. Seu ponto de vista a respeito é que "o em-si nos aparece, assim, definível, e mais do que isso, infinitamente mais significativo e complexo do que o em-si sartreano, esse ente de razão da pura necessidade lógica".

O modelo idéia de Claude Bernard é estudado magistralmente por nosso autor, além das circunstâncias biomesológicas que contribuem com o desenvolvimento da espiral da serenidade pela qual "se formam dos dois elementos polares

da serenidade: a inquietação e a própria serenidade". Ao que ajuntava Herculano: "A inquietação representa a parte inferior de cada espiral, o momento em que o ser rompe uma arcstase e lança-se por isso mesmo, em nova arcstase a ser atingida. A serenidade constitui a volta superior, mais larga e equilibrada, da espiral, em que o ser, por assim dizer, desliza em sua nova arcstase. A espiral é portanto ascendente, não voltando jamais ao ponto de partida, mas girando sempre em torno do mesmo eixo. Este eixo é a existência, pois toda espiral ôntica só pode ser existencial. O ser gira em torno da existência. Ao girar em torno de si mesmo recai no em si, forma um circuito fechado, sem perspectivas. Assim, a espiral da serenidade própria é o processo da vida, em suas múltiplas formas existenciais".

A serenidade como ato existencial do ser representa o processo evolutivo do Espírito; ademais nota-se a natureza dialética que caracteriza a arcstase quando se projeta para uma "nova arcstase", isto é, para os dois estados do ser que, ao polarizarem entre si, determinam movimentos e transformações existenciais e até

vinculações interexistenciais ascendentes e progressivas.

J. Herculano Pires, grande poeta, ele mesmo recorre à poemática minuciosa e existencial do grande lírico alemão Rainer Maria Rilke por quem nos faz ver através de suas relações esotérico-poéticas as dimensões palingenéticas como uma realidade existencial do Espírita. Vejamos a significação ontológica de um fragmento em português elegido pelo próprio Herculano:

Vivo a minha vida em círculos concêntricos  
que se elevam sobre todas as coisas.

Não terminarei provavelmente o último,  
mas tentarei.

Giro em torno de Deus, torre secular,  
e giro por milênios:

entretanto não sei: sou um falcão, uma  
tormenta

ou uma imensa melodia.

A este fragmento do poeta germano nosso autor anota o seguinte: "A torre de Rilke, o eixo da espiral, parecia-lhe o próprio Deus. Mas o eixo não é Deus, e sim a existência, pois Deus nos aguarda acima de nós mesmos e dos nossos giros,

no final da espiral". E a este formoso conceito filosófico ajunta este outro: "Quando Rilke afirma: Não terminarei provavelmente o último, mas tentarei descreve-nos em dois versos a decisão e a dúvida do para-si, na busca desesperada da síntese, em que, entretanto, a esperança está sempre presente, e é como no ditado popular: "a esperança é a última que morre", pois só morre na própria realização".

Retomando o tema da serenidade como valor ontológico expressa: "A espiral da serenidade, visualizada ontologicamente, é um redemoinho que sobe da terra para perder-se no céu. Todos os seres participam dessa revoada imensa, todos realizando o mesmo vôo espiralado, que os arranca da opacidade do em-si para o esplendor do em-si-para-si. Mesmo os entes do vasto mundo, por tudo quanto a nossa imaginação possa alcançar, sobem todos na espiral da serenidade. Cada ente, como já vimos, possui o seu próprio ser, da mesma maneira porque o em-si, opaco e viscoso, possui sua estrutura secreta de conência e enteléquia, guardando na mesma o segredo das existências passadas, e portanto de um oceano de experiências vividas".



Esta espiral ascendente que para Herculano Pires se desenvolve através da serenidade, etapa sempre superior do ser, foi também reconhecida pelo grande poeta espanhol León Felipe, de forma coincidente com Rilke. Disse ele em seu poema El Salto:

Somos como um cavalo sem memória,

Somos como um cavalo

Que não se lembra sequer

da última valeta saltada.

Vimos correndo e correndo

por uma larga pista de séculos e obstáculos.

De quando em quando, a morte....

o salto!

e não sabemos

quantas vezes temos saltado

para chegar aqui, nem quantas saltaremos  
ainda

para chegar a Deus que está sentado

ao fim da corrida...

esperando-nos.

Choramos e corremos,

caímos e rodamos

vamos de túmulo em túmulo

dando saltos e voltas entre penalidades e sofrimentos.

Como vemos, a serenidade em Herculano tem necessidade para o seu desenvolvimento do salto, das mutações, ou seja, do que ele chama em linguagem filosófica arcstase. Chama realmente à atenção a similitude ontológica que existe entre Rainer Maria Rilke e Léon Felipe, o que nos prova que na região dos Espíritos o gênio corresponde e integra os seres da mesma elevação moral.

A problemática existencial contemporânea encabeçada por *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre em Herculano se resolve por uma visão ontológica que está baseada na filosofia espírita. Os entes-almas destinados ao nada são transformados nos entes-imortais mediante o Espiritismo. *O Ser e a Serenidade* é uma importante resposta ao existencialismo ateu respaldado pelo ato mediúnico, que já analisamos em *O Sentido Existencial do Ato Mediúnico*.

A ontologia nesta obra de J. Herculano Pires se abre como uma rosa às carícias da madrugada. É que o Espiritismo tanto no existencial como no religioso dá ao problema do ser um sentido

metafísico realmente inédito ante o tema clássico do conhecimento. Toda a obra deste filósofo é uma permanente introdução ao ser espírita. Nós consideramos que este pensador está abrindo uma brecha nas muralhas da cultura materialista de seu país e de toda a América.

Pois bem, a investigação filosófica empreendida por Herculano é realmente uma remoção da ontologia universitária; daí tudo o que sai de sua erudita pena é inspirado, como o Ser e a Serenidade, representa uma reafirmação da via filosófica que assinalara Kardec, porque é onde deverá internar-se a cultura espírita para demonstrar as elevadas alturas de sua grandeza gnosiológica e espiritual.

O destacado filósofo espírita espanhol Manuel González Soriano, deu uma definição de Espiritismo que convém reproduzir nestas páginas. Ela expressa:

"O Espiritismo não é nem uma filosofia nem uma seita religiosa, senão a filosofia da ciência, da religião e da moral; a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade; a ciência das ciências. E dito fica com isto, que nem é velho nem novo, porque

sendo a ciência produto da investigação da verdade, mais ou menos ampla, metódica e perfeita, tem existido desde que há seres inteligentes com a natural tendência da investigação.

"Compondo-se seu corpo doutrinal das verdades universais que o homem tem surpreendido na natureza, e não contando tempo a verdade, posto que procedendo de Deus é eterna, tão pouco sua doutrina é velha ou nova, podendo considerar-se em tal sentido como a enciclopédia das verdades eternas e infinitas, que a investigação humana tem podido até o dia de hoje penetrar e conhecer.

"O Espiritismo vem, por conseguinte, da ciência da razão e da razão da ciência, e vai, por conseqüência, ao maior conhecimento possível das verdades universais divinas" (ver a obra *El Espiritismo es la Filosofía*).

Nesta notável definição da Doutrina Espírita é que se assenta o pensamento filosófico de J. Herculano Pires, Manuel S. Porteiro, e de outros ilustres filhos da América, que com verdadeira capacidade filosófica têm introduzido o Espiritismo na cultura universitária.

## XIII

### A mediunidade zoófila

O pensamento filosófico de J. Herculano Pires não só penetrava no antropológico como havia nele uma propensão ontológica para o destino existencial dos animais. Por este motivo é que sentia uma profunda admiração por Léon Tolstoi, Rabindranath Tagore, Gandhi, Albert Schweitzer, pela obra que realizaram em favor dos chamados irracionais.

Quando lhe comuniquei que estava me ocupando com o que denominei Mediunidade Zoófila, solicitou-me que remetesse maiores dados a respeito; mas isto ocorreu, lamentavelmente, poucos meses depois de sua partida da terra.

Herculano via no reino animal uma etapa onde o ser ensaia suas faculdades psíquicas a fim de alcançar estados superiores de evolução. Admirava com verdadeira fé filosófica as obras

fundamentais sobre este tema, tal como A Evolução Anímica de Gabriel Delanne e Do Inconsciente ao Consciente de Gustave Geley, onde o destino dos animais está magistralmente exposto e explorado.

Nós cremos que com o correr do tempo a mediunidade zoófila será pois uma realidade dado o papel cada vez mais preponderante que adquirem os animais na vida moral dos povos. Porque assim como existe um mediunismo exclusivamente hominal, cujas mensagens estão dedicadas a orientar a vida humana na terra, aparecerá um mediunismo zoófilo cujas revelações estarão dedicadas aos animais. Sua missão será de intensificar o amor para eles num momento em que o homem explora desapiedadamente essas criaturas mudas como os chamou Domingos Faustino Sarmiento, o grande magnata e educador argentino.

Manuel S. Porteiro se refere à evolução biopsíquica dos animais em seu livro Espiritismo Dialético e Carlos L. Chiesa também o faz detidamente em seu ensaio Instinto e Alma dos Animais, assim como em seu notável trabalho

Comunicações Espíritas que informam sobre a evolução da Alma.

O que temos denominado mediunidade zoófila deu seu produto espiritual e filosófico na França com os trabalhos da célebre escritora Rufina Noeggerath, que se acham publicados em sua obra *A Vida de Além-Túmulo*. Cosme Marino traduziu para o castelhano numerosas comunicações mediúnicas desse livro onde o mundo invisível chama o homem à reflexão com respeito ao papel dos animais nos planos da evolução.

J. Herculano Pires me falou, quando tive a honra de visitá-lo em sua casa em S. Paulo, sobre uma filosofia zoológica emanada da Codificação Kardeciana. Compreendi a grandeza de seu pensamento e tratei sempre de divulgá-lo como uma das mais justas e belas aspirações espirituais do novo humanismo cristão.

Eis aqui um trabalho que enviamos ao destacado filósofo brasileiro e que expressa o seguinte:

O problema do ser dos animais se acentua no campo da filosofia e da religião com o desenvolvimento dos sentimentos humanos. O

homem dos novos tempos não pode olhar com indiferença o destino existencial e espiritual dos animais. Intui neles um ente que não depende do organismo e que não se extingue com a morte do corpo. O homem contemporâneo deseja uma alma imortal para os animais, posto que ver um irracional (se assim pode dizer-se) tão afetuoso e inteligente como é um cão para perder-se no nada, não está em relação com a lógica das intuições espirituais.

Com efeito, a cultura tem esquecido o ser dos animais; na universidade não se ensina nem se aceita a espiritualidade dos animais. O critério científico lhe destina um sentido puramente mecânico, que vê nos animais um conjunto de carne e ossos sem nenhuma valorização ontológica nem metafísica. A própria religião cristã nos diz que os animais são simples corpos mortais e não almas com direito também à imortalidade. Não há para eles um transcender para o divino; na cultura ocidental o divino e o espiritual são privilégios apenas do homem. Os animais são seres mortais cujas dolorosas existências não respondem a nenhuma finalidade moral e religiosa. Por isso a nova consciência



humana se mostra rebelde ante este destino mortal a que se remete os animais.

Este problema do ser dos animais está comovendo a velha concepção teológica. Já existem homens da igreja que se mostram inclinados a uma nova interpretação religiosa dos animais, posto que vislumbram neles uma partícula divina que não está destinada ao não-ser e ao nada.

A inteligência se pergunta se pode existir uma imortalidade do ser animal; se há nele um princípio não-físico que possa sobreviver. A teologia cristã nega, como se sabe, a imortalidade animal, o que para a nova consciência humana não está em relação com a consciência divina. Portanto, alguns parapsicólogos têm apresentado numerosos fatos que demonstram a imortalidade da psique animal. O metapsíquico espírita italiano Ernesto Bozzano escreveu um livro intitulado *As Manifestações Metapsíquicas e os Animais* no qual apresenta muitos casos de aparições de cães e de outros animais a seus donos e que foram cientificamente analisados. Pois bem, se esses casos de aparições de animais são reais isso seria uma prova objetiva em favor dos chamados

irracionais. Estaríamos assim frente à necessidade de estabelecer uma teologia acerca da imortalidade dos animais.

A nova consciência religiosa da humanidade se encaminha para o reconhecimento de um novo sentido do ser animal. Inclina-se a estabelecer uma ontologia por meio da qual a animalidade, a humanidade e a existencialidade se transformariam em uma unidade essencial mediante um processo que a impulsiona para uma meta transcendental. Assim a animalidade e a humanidade se unificam pelo ato de existir que confere a ambas as formas de vida o ser e um transcender para Deus. Isso seria deste modo o resultado de uma integração do existencial na essência única que determina a realidade de toda vida e de toda forma. Uma atração espiritual aproximaria o que se considera separado ou distante de um ser de outro ser. A presença de uma essência em todo o existente determinaria um só ato existencial que unificaria as variadas categorias do ser em uma só e única existência.

Isto nos anunciaria que nossa essência está ao mesmo tempo em outro ser não obstante os diferentes graus morais que entre ambos existem.

É uma unidade que, sem afetar o sentido de pessoa no humano, a aproxima dos planos teleológicos do amor divino.

Se o ser pode sentir e amar o que está fora dele, isto é devido à similitude essencial que existe em todas as coisas. O ser abarca assim a essência de todo o criado, o que determina em sua categoria espiritual alcançada uma maior elevação moral. Deste modo é que Tolstoi, Schweitzer, Gandhi, Berdiaeff e outros descobriram o sentido diverso da vida e o imperativo moral de respeitá-la em suas mais ínfimas manifestações. Pois um ser que não percebesse a essência universal estaria limitado a seu próprio ego, reduzindo-o a um insulamento egoísta. Porém tanto pelo caminho da ciência como pelo da filosofia o ser se compreende a si mesmo como uma essência que está na alma de tudo o que existe. O sábio compreenderá que nele está o ser de um animal porque sabe que ambos existem regidos por essa razão ontológica que lhes concede um espaço existencial no mundo. Apreende o significado espiritual da vida e da morte que existe nos seres e nas coisas. O ato de nascer e existir como o ato de morrer ou

desencarnar o iguala ao mais minúsculo ser, já que não é a categoria pessoal o que concede ao ser valorização existencial senão a igualdade de existir e pela qual está na terra. Pois tanto está no mundo o homem como o animal. Ambos estão na terra existindo para dar à própria existencialidade seu curso correspondente.

Pois bem, este fato de ser e existir a um mesmo tempo, simultaneamente, estabelece uma igualdade existencial entre os três reinos da natureza. O homem existe juntamente com o existir de uma pedra, de um vegetal e de um animal e esta igualdade é que o relaciona moralmente com todo o criado. Uma união dialética se estabelece entre tudo o que existe demonstrando que uma mesma essência alimenta o seio de todo ser. Esta correspondência estabelece uma fraternal aliança entre os diversos graus da vida, o que aumentaria os raios da consciência e determinaria um maior afeiçoamento moral e espiritual da própria pessoa humana.

Eis aqui pois como Animalidade, Humanidade e Existencialidade se convertem por razões essenciais em um só ser, cuja finalidade moral

descansa sobre um divino plano evolutivo do universo.

Estas páginas que remetemos a J. Herculano Pires foram por ele aprovadas com entusiasmo comunicando-nos por sua vez que ele admitia uma unidade do ser sem solução de continuidade, por cuja razão nos citou esta conclusão filosófica de O Livro dos Espíritos de Allan Kardec

"Assim, tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que por sua vez começa pelo átomo. Admirável lei de harmonia, cujo conjunto não pode apreciar vosso Espírito limitado".

Foi assim que participou conosco a tese da mediunidade zoófila que se fará mais notória quando o homem estiver próximo da consciência da vida universal.

## Epílogo

Estes Espíritos vitoriosos e avançados que foram homens para espalhar sementes das novas verdades estão sempre vivos e atuantes nos processos do futuro humano e social.

A morte não os pode destruir posto que ela não é mais que uma transformação para o ser.

Deus os têm nos mundos como alavancas para mover o progresso das culturas e das civilizações. E quando a dor e o desespero atacam duramente as almas e os corpos de um povo, uma nação ou um mundo estes Espíritos vitoriosos e avançados retornam com o vigor das verdades eternas e dinâmicas instalando-se em um novo organismo para consolar, instruir e iluminar as consciências.

Tornam a residir na terra e ajudam as leis divinas a se desenvolverem entre os homens secundando assim a vontade do Pai. São os aliados do amor e da beleza e levam por todas as partes a divina mensagem de Jesus: "Amai-vos uns aos outros".

Por isso olhemos para esses Espíritos vitoriosos e avançados como semeadores das novas verdades espirituais e tratemos de fazer-lhes em nossos corações uma morada para que vivam conosco enquanto grita em torno de nós o terrível furacão do niilismo materialista.

São agora seres invisíveis mas amam e lutam pela verdade e a Justiça como quando tinham um

corpo parecido com o nosso E o lema deles é este:

Vitam Impendere Vero.

## FIM DA PRIMEIRA PARTE

### 2ª PARTE

Barro insubmisso  
ou J. Herculano Pires de "Argila"

Clóvis Ramos

#### I

Barro Insubmisso, insubmisso Adão  
ou Argila, de J. Herculano Pires

José Herculano Pires (Avaré, São Paulo, 25-9-1914 - São Paulo, 9-3-1979) foi graduado em

Filosofia pela Universidade de São Paulo, regeu a cátedra de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, pertenceu ao Instituto Brasileiro de Filosofia, ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao Instituto Paulista de Parapsicologia. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, diretor da União Brasileira de Escritores, presidente e fundador do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, vice-presidente da União Social Espírita; vice chefe da Casa Civil, no governo do Presidente Jânio Quadros. Um homem por todos os títulos ilustres, Uma das vozes mais altas da cultura espírita no Brasil, escritor de mérito, conferencista, polemista e, acima de tudo, um poeta.

Sobre Herculano Pires escreveu o Dr. Agnelo Morato, em "A Nova Era", de Franca, SP, em 15-4-1979 : " ...foi o primeiro que se inscreveu como parapsicólogo no Brasil para conciliar a Doutrina de Rhine com as fundamentais dos Kardequianos. - Em seus livros últimos aprecia-se-lhe o esforço em demonstrar estar nessa ciência experimental o acesso mais amplo para as confirmações do



paranormal em definições como o princípio: "Toda manifestação de um efeito inteligente possui uma causa inteligente". Com Carlos Imbassahy, sustentou uma tese em foros de dialética por memorável estudo em favor do subsídio da História Contemporânea, quando deu à teoria de Freud dimensões muito mais racionais à luz do Espiritismo, responsável mesmo pela sua ampliação em novos horizontes". "Sua palavra para nós possuía, sem favor, um pronunciamento oracular, dada sua segurança nos meios culturais e de estudos em nossas concentrações e congressos". "Educador por excelência de uma escola liberta das formalísticas, expõe métodos e normativas para melhores rumos à didática aclarada pelos princípios evangélicos à chamada do Espírito de Verdade do Pentatêutico Espiritista".

A filosofia aproximou-o de Humberto Mariotti, da Argentina, escritor do mesmo nível, e também poeta, da mesma cepa filosófica, autor de *Dialética e Metapsíquica*.

Ninguém se referiu, ao que eu saiba, nas homenagens prestadas a Herculano, por ocasião de sua desencarnação, ao poeta. Com uma vasta

bibliografia, que inclui romances, teses, estudos, polêmicas, filosofia, educação, espiritismo e outros assuntos, os versos de Argila e África ficaram em segundo plano. Não para mim, é claro.

Dele disse outro poeta, Afonso Schmidt, comentando O Caminho do Meio, romance, que Herculano Pires, um filósofo, foi direto à fonte da inquietação humana, entrou pelo caminho da teologia, da metafísica. Também pelo caminho da poesia, procurando renovar, digo eu.

Com efeito, nessa fonte inesgotável - Deus, a Vida Imortal, o Espiritismo, ele bebeu longamente, para nos oferecer, depois, poemas que são como a água viva do Evangelho, poemas cheios de sabedoria.

Apoiou-se em Gênesis, na lição dos tempos, tão bem sintetizada por Moisés: "Formou, pois, o Senhor Deus, o homem, do barro da terra, e inspirou no seu rosto um assopro de vida". Deus, a Inteligência do Universo, a Causa Primária. E vem a pergunta, que resume seu pensamento:

"Pode, acaso, a ânfora de argila  
conter o oceano?"

Não, não pode. Da argila somos feitos, para o oceano de Deus caminhamos como os rios de todos os continentes.

Sabe que muitas vezes Deus o ergueu da lama da terra, modelando seu corpo como o oleiro paciente, daí o poema "Argila", que dá título ao seu formoso livro:

## ARGILA

Quantas vezes me ergueste da lama da terra  
modelando os meus corpos  
como um oleiro paciente.

Quantas vezes me atiraste à poeira dos séculos  
fazendo-me girar de mão em mão  
no banquete dos povos.

Quantas vezes de novo me arrancaste  
dos anéis de estrelas do destino  
à cinza do Tempo.

Mas, através das formas e das eras  
o Teu sopro me impele.

E a indelével marca dos teus dedos  
assinala a argila.

Muitos são os poemas impregnados de misticismo, da sabedoria que vem da fé raciocinada, da crença em Deus, o Pai, e no Outro Mundo, o espiritual. Poemas como "Enigma" e "Espera", que figuram na Antologia de Poemas Espíritas, em 1959, são o testemunho do que afirmo.

## ESPERA

Ondas, brisas, nuvens, sombras, luzes, estrelas,  
tecem e destecem a malha fugidia.

Nascem as flores  
amadurecem os frutos  
passam e repassam as luas e os sóis.

Berços e túmulos  
povoam-se e despovoam-se  
Mas, no eterno vai-vem, no fluxo e refluxo  
das coisas e dos seres

como um sol polar irradiando entre as  
névoas

permanece a tua face  
imutável  
esperando no silêncio.

A face imutável de Deus, na sua Eternidade  
sem começo e sem fim, o Deus que povoa e  
despovoa os túmulos, e tudo cria, e tudo pode: sol  
perene...

Outro poema inspirado no Deus que tudo  
criou, e é, como já se viu logo no início, o Oleiro  
Paciente, é este:

## ENIGMA

Sim, sim, tu és a raiz potente  
que suga o húmus  
nas profundezas da terra.  
És a força misteriosa do oceano  
sacudindo nas grandes noites lunares.  
A doçura das espumas  
quebrando-se nas praias.  
Sim, sim, tu és o sol abrasador  
dos meios-dia de verão.  
És a tristeza das flores

caindo no outono.  
És a seiva que irradia pétalas e ramos  
na primavera,  
e és a melancolia das manhãs de inverno  
em que mostras tua glória  
como um rosto velado nas nuvens.  
Sim, sim, eu sei que tu és o enigma, o  
mistério,  
o segredo da força e da beleza,  
o motivo oculto e a evidente razão.  
Eu sei, eu sei que tu és a voz imanente  
soando sem cessar  
no coração das coisas e dos seres.  
És a voz de comando e és o próprio comando.  
Porque em ti repousam  
os murmúrios e os clamores,  
e para ti voltam, sem cessar,  
os que, de ti, sem cessar, se afastam.  
Sim, sim, eu sei que tu és o último  
e és também o primeiro,  
e que todas as minhas palavras  
voam, sem cessar, de ti para ti.  
Mas não sei, ainda,  
por que não posso pousar em teus múltiplos  
ramos

como um pássaro assustado  
que se escondesse da noite.

Poeta de um profundo misticismo, em "Cântaro Esquecido" ("mas o que beber da água que eu lhe der, nunca terá mais sede", Jô. 4:14), em "Galiléia", toda uma série de poemets, em tudo o mais, como mostrarei.

Em "Cântaro de Barro", outra parte do livro repete a pergunta de Allan Kardec, no O Livro dos Espíritos, sobre a espécie humana, e a respeito explica porque diz que o homem se formou do limo da terra.

Interrogou Kardec aos Espíritos:

- A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo terreno?

E a resposta:

- Sim, e veio a seu tempo. Foi o que deu motivo a se dizer que o homem se formou do limo da terra.

Eis o "Mistério": "...doçura da seiva construindo no silêncio".

Em "Dias e Noites", também se inspira em Kardec: "Que compreensão ofereceis aos sofrimentos deste mundo, vós, cuja doutrina

consiste unicamente na negação do futuro?" A essa pergunta, o poeta mesmo responde: "Dias e noites na Terra como na eternidade vidas e mortes rodando".

"Canto de Libertação" é um apelo aos espíritas para que ouçam "a advertência de Paulo, escutem a lição de Kardec e aprendam que a humanidade sangra na ferida de um mendigo e o choro de um órfão no arrabalde esquecido é o canto universal do choro de todos os órfãos do mundo reunidos". Nesse longo poema, pede se chegue à janela e se veja o "rio da vida borbulhando na planície, os astros da noite cavalgando a montanha, as flores do campo aromando o vale, a dor como uma aurora noturna avermelhando a terra e o mar, o mar e o céu". Para todos vejamos a vida, tumultuada e, não obstante, bela!

Quando os jornais espíritas noticiavam a "morte" do insigne bardo, busquei reler Argila, o volume que me foi oferecido pelo autor, com amável dedicatória, no II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado em abril de 1958, em São Paulo.

E senti saudades da poesia expressiva, profunda, moderna, filosófica, do confrade



desaparecido, que colocara o Espiritismo acima dos seus interesses e até de suas amizades, e sempre esteve em guarda como um Mosqueteiro do Rei, talvez, para defendê-lo. Eu que o diga, pois mereci dois seus candentes artigos, em oposição às minhas idéias de um universalismo mais amplo, entre nós; considerou-me um "espírita igrejeiro", um "romântico", do Espiritismo. Mas isso não vem ao caso.

Volto ao tesouro de beleza e espiritualidade que é Argila (África, mínimo no formato, que também recebi como preciosa dádiva, ficou perdido em mãos alheias, e esse poema, que lembra Garcia Lorca, era um canto de libertação da raça negra, da gente africana). Poesia que foi um constante diálogo do poeta com Deus e consigo mesmo. - Sabia que vidas incontáveis viveu, através das eras, na poeira dos séculos. Deus, o oleiro paciente.

Referi-me, num artigo que escrevi em 58, aos poemas "Colheita", "Oleiro", "Gênese", "Cosmos", "Libertação", "Cântaro Esquecido" e outros. Releio-os com o mesmo entusiasmo da primeira hora, com o mesmo encantado de achar em J. Herculano Pires um poeta autêntico, de

estro personalíssimo, imortalista, poeta que  
amava a Verdade, poeta que fora longe demais  
com a sua visão do mundo:

## COLHEITA

Enterro as mãos no úmido chão noturno  
e extraio  
o barro submisso  
da última oferenda.

Quero plasmá-la com a ternura da seiva  
despetalando-a  
em cores e perfumes  
sobre o ouro dos frutos.

Oferenda de lirismo puro, ternura de um  
coração crente, maravilhado.

Sempre a idéia do barro submisso - a matéria -  
e do espírito - Palissy obscuro do destino.

Como o poema que agora transcrevo:

## OLEIRO

Tomo a argila entre os dedos

e sinto-a fria  
doce  
eterna, amarga e frágil,  
como a luz das estrelas.

Modelarei com ela  
Palissy obscuro do destino  
os vasos da tristeza e da alegria  
as ânforas  
de água fresca da poesia  
e as botijas  
do amargo e escuro vinho da ambição.

Eis a sua interpretação da

## GÊNESE

Argila,  
da argamassa dócil do teu seio  
como um Deus arrancarei  
o insubmisso Adão.  
A coleante inimiga.  
E Aquela que o Bem e o Mal, a ciência e  
o Erro, a Vida e a Morte,  
ao Mundo ofertará  
na Oferenda do Amor.

Na sua idéia do Cosmos, de novo a argila; esta maravilha síntese:

## COSMO

Paciente  
a frente inclina  
sobre o abismo.  
E entre os dedos  
paciente  
roda os cântaros de argila

Em "Libação", Deus - que para o poeta é o Oleiro, "lançou à mesa as taças borbulhantes - negras, vermelhas, brônzeas, amarelas, brancas - para insaciável libação dos séculos, que rodam nas mãos do Destino: cheias, vazias, rotas, emborcadas, cerâmica ritual, eterna e efêmera... É uma alusão às raças, aos homens - taças de argila, taças coloridas, que o Oleiro sorve de um gole. Taças e cacos e o gru-gru do tempo, gru-gru no gargalo do espaço.

Do seu diálogo com Deus, são estes versos de "Cântaro Escondido", repletos de um simbolismo

próprio de um autêntico poeta. É ainda, a sua  
idéia da sua origem e da humanidade toda - do  
barro humilde:

## CÂNTARO ESQUECIDO

Deixaste-me, cântaro esquecido  
sobre o velho poço.  
Inutilmente derramaram os discípulos  
no meu bojo vazio  
o tumulto inútil das suas palavras.

Nas entranhas da terra  
a água límpida fecundava, em silêncio,  
o barro humilde dos futuros vasos.  
Ele te olhou e disse: "Eu o sou, eu, que falo  
contigo!"  
o vento afagava-lhe o rosto.  
Estendia no ar a rede mística  
dos seus cabelos.

Ouvi o rumor imperceptível da água  
penetrando as entranhas misteriosas da argila.

O rumor do vento

semeando estrelas no céu claro  
para a noturna floração das sombras.  
Ouvi o rumor fecundo da água viva  
fluindo em seus lábios  
como um chilreio nas pedras.  
Água! Água! Água!  
pedia o bojo escuro,  
clamava a argila inútil.

Mas logo te afastaste.  
Revoada álaça de asas matinais,  
palpitantes de luz,  
embebidas na linfa dos gorjeios,  
ébricas de misteriosas gestações.  
E sobre o velho poço me deixaste  
ressoando de ecos e gorgulhos.  
Cântaro esquecido.  
Vaso inútil.  
Sedenta argila.  
Negra boca aberta  
para a impiedosa fonte do infinito.

Um grande poeta, positivamente.  
Também é conversa com Deus, prece é ainda,  
sua alusão à argila, o belo poema

## PROVA

Dá que eu possa pegar a argila do mundo  
e nos dedos senti-la  
como argila.

Que eu possa apanhar as flores do mundo  
ferir-me em seus espinhos.

Dá que eu possa tocar as chagas do mundo  
com os dedos  
como Tomé tocou as tuas chagas.

Que eu possa subir  
à torre do templo.

Ao cume da alta montanha.

E ver aos meus pés os reinos do mundo,  
os reis e suas cortes,  
riquezas, multidões, exércitos,  
batalhas, derrotas e glórias.

Dá que eu possa ouvir as promessas  
daquele que te arrebatou  
para a tentação dos poderes.

Mas põe sobre mim a tua mão.

Põe no coração do teu servo

A voz que mostrará

O emurcheçar das flores.

E das idades

Poeta místico, que tão bem se realizou na  
estética do modernismo, ei-lo ainda falando com  
Deus, no seu

## REFÚGIO

Teus olhos me espreitam.  
Através do segredo do tempo e do mistério do  
espaço,  
do abismo da noite e da luz da manhã,  
das sombras e das formas,  
teus olhos me espreitam.

Que vêem os teus olhos?

Procuro as vezes, o recanto de aromas e  
sombras  
do bosque.  
Teus olhos me seguem.

Atiro-me à doida correnteza humana.



das ruas.  
Teus olhos me acompanham.  
Refugio-me na concha violácea, no sonoro  
silencio  
dos  
templos,

e escapa, de repente, para o tumulto das tascas,  
a loucura do álcool.  
Teus olhos me espreitam.

Que querem os teus olhos?

Desvairado, jamais me lembrei  
de refugiar-me em ti  
aos teus olhos me expor.

Refugiar-se em Deus, é, em suma, a única  
solução para o espírito que sofre - desvairado -  
entregue ao tumulto do mundo, à doida  
correnteza humana...

De novo abre o seu coração ao Eterno -  
presença múltipla e incessante -, querendo ver a  
Sua Face, em:

## COLÓQUIO

Sei que estás aqui, bem perto,  
contando, uma a uma, as pancadas do meu  
coração.

Quero negar-te, às vezes,  
quando não sinto a tua face  
espreitando através do silêncio.

Mas não posso.

Tua presença é múltipla incessante  
e como o tempo.

Quero negar-te, ainda,  
quando não consigo apalpar o silêncio,  
apanhar entre os dedos ou na concha da mão  
as malhas do destino.

E de novo não posso.

Tua presença é como um cântico na noite.

Flue e funde.

Sei que estás aqui, contando, uma a uma  
as pancadas do meu coração.

E espero.

Sem saber se um dia  
romperás a névoa do mistério  
para mostrar-me a tua face.

Porque muito significam para o conhecimento  
de um poeta que ficará, divulgo, na íntegra, mais  
dois poemas de Argila, que são como orações:  
"Signo" e "Lázaro". Em todos, o mesmo  
misticismo, sem ranço clerical, a sua versão  
moderna dos temas do Evangelho de Jesus.

## SIGNO

Avanço para ti  
como um turbilhão.

Saltando abismos  
rompendo planiceis  
cantando ou bramindo  
arrasto as minhas águas  
em vagalhões de espumas e de estrelas.

No silêncio das distâncias  
como um signo  
te me esperas.

Deus o espera, - a todos nós espera,  
infinitamente, no silêncio das distâncias.

## LÁZARO

Ouçó tua voz.

No silêncio profundo e na solidão absoluta,  
no mistério das noites imensas,  
envoltas no sudário das trevas,  
catalépticas ou mortas,  
ouçó tua voz.

Vejo tuas mãos erguerem, rutilando,  
a laje negra dos túmulos.

Ouçó tua voz ordenando  
ao dia que se levante  
e caminhe pelas sendas de ouro e rosa  
da alvorada.

No clamor das ruas e das praças,  
na febre vermelha dos negócios  
que se apossa do errante coração dos homens,  
às margens do lago Betsaida,  
nos caminhos de Betânia  
ou nas rotas marítimas e aéreas de New York,

cantochão dos oceanos ou no murmúrio dos  
regatos,  
no alarido das multidões ou no riso das  
crianças,  
ouço tua voz.  
Tua voz é o mistério  
que vibra no remorso do pecado e no júbilo da  
renúncia.

Tua voz é a força  
que me arranca do túmulo.

Não conheço, na poesia moderna atual do Brasil, quem melhor, quem mais se entendesse com Deus. Antes de Herculano, só Rodrigues de Abreu, de Casa Destelhada e Tasso da Silveira, de Canto Absoluto, Contemplação do Eterno, Puro Canto, este último poeta católico. Nos poemas de "Terra batida" (sempre a idéia do barro, da argila, da lama, da poeira e de taças partidas, chão de terra!), Deus é presença. Como em "Cidades Mortas", onde nos fala de um

"outono milenar", de cidades asfixiadas, soterradas, afogadas no oceano e no gelo, cidades perdidas nas entranhas da morte, ossadas pétreas do tempo, múmias dos séculos, taças quebradas do banquete dos povos, etc. - Babilônia, Tróia, Cartago, Herculano e Pompéia, Nínive, Sodoma, Gomorra. E lembrou Cafarnaum - bênção desprezada, orgulho da humildade - e indagou:

"Por que as semeaste assim  
oh Tu  
que comandas o Tempo?"

A resposta está no poema

## SINAL

Semeaste os séculos de cadáveres.  
De tumbas de terra fofa.  
De lápides frias  
como estrelas mortas em noites polares.  
De esfinges e mausoléus.  
De catacumbas sombrias  
que rasgam as entranhas da terra

guardando avaras  
o segredo das múmias e da poeira.

Marcaste de túmulos a rota da história.

Mas, como um sinal dos séculos,  
puseste, aos pés do Calvário  
um túmulo vazio.

O sinal dos séculos: um túmulo vazio, o túmulo do Cristo Jesus, que ressuscitou de sua morte de cruz.

Outros poemas do livro, cheios de Deus, desse diálogo eterno, de Herculano com Deus: "Oferta" ("Colhe-me antes do fruto que as aves e os vermes disputarão"), "Fito" ("Esparrama no solo, perdulário, o vinho borbulhante do último holocausto"), "Convite" ("Sorve de vez o vinho espumante desta ânfora cheia"), "Finis" ("Não vês que as mãos da treva já emborcara nos lábios roxos do poente a estrela da tarde?" ) e outros.

Herculano é, no seu livro admirável, que bem merecia uma nova edição, um evangelista: "Vinde a mim, e eu vos aliviarei" - disse o Cristo (Mateus, 11:28) e o poeta escreveu um mini-

evangelho - como quem viveu as emoções da Galiléia - o que não é de se duvidar, com a verdade da reencarnação -, nos poemas sintéticos "Visita", "Caná", "Momento", "Estrela", "Justiça", "Pedro", "Martírio", "Cireneu", "Calvário", "Vergonha", "Maria de Magdala" e "Silêncio".

Não me posso furtar ao desejo de repeti-los, aqui, um por um, que Argila é, hoje, um livro raro. São poematos que ajudam - e como! - a se entender o poeta, que ainda agora mais admiro, o poeta Herculano Pires, o espírita e lidador, que amou a Cristo com a ternura de um amigo e de um irmão:

\*

Na grande noite  
caminhas para mim com passos de sombra  
levantando no silêncio  
uma poeira de estrelas.

\*

Convido-te para as bodas.



O vinho é pouco e os convivas são muitos.  
Mas sei que tomarás a água pura  
da fonte que tu mesmo abriste  
e encherás os cântaros vazios.

\*

Deixa-me tocar, no tumulto,  
a fímbria do teu vestido.  
Mas não perguntes quem foi.  
Não importa aos outros o milagre  
que cada um só poderá obter  
no seu exato momento.

\*

Entre as inúteis aflições de Marta  
e a devoção de Maria  
o teu sorriso é a estrela da manhã.

\*

Tenho nas mãos o salário  
do trabalho na vinha.  
Conto as moedas, uma a uma.

E vejo que, apesar de poucas, me pagaste  
O mesmo dos que suportaram  
O sol da manhã e o mormaço do dia.

\*

Manda  
que de novo se retire  
da tua frente  
Pedro  
o que não tem gosto para as coisas de Deus  
mas somente para o mundo.  
Afasta-o  
para que de novo possamos ver  
a limpidez dos teus olhos.

\*

Tua coroa de espinhos  
faz sangrar a noite.  
Tua cana  
dirige os séculos.  
Tuas vestes rotas,  
a túnica pobre  
sobre a qual rodaram os dados da ambição,

envolvem os príncipes e os reis.  
Mas o milagre maior  
é o dos teus olhos sofrendo  
nos olhos do povo.

\*

Não, não posso tomar  
sobre os meus ombros  
um pouco do peso imenso da tua cruz.  
Não, não estou sentado à porta  
nem desfila o cortejo.  
Flameja, ante os meus olhos  
a língua de fogo das estradas.  
Meus pés cansados levantam  
fagulhas ardentes do chão.

Sou eu, agora, quem te pede  
um leve toque, de leve,  
dos teus ombros  
sob a minha cruz.

\*

Ergue, Maria,

os teus olhos.  
(Que são os teus olhos?  
Estrelas, relâmpagos, chagas?)  
Ergue os teus olhos.  
Crucifica-os na cruz  
daquele corpo, que é teu.

Maria, na cruz  
o teu corpo se esvai.  
Apressa-te, Maria!  
Rega, com as lágrimas  
da tua alma sem corpo  
a cruz do teu corpo.

É preciso, Maria, que ela cresça.  
É preciso  
que ela projete sobre o mundo  
a sombra  
de dois braços abertos.  
(Que são esses braços?  
Dor, sacrifício, perdão?)

\*

Rasgo, com a ponta da lança

o exausto marfim do teu corpo.

Braços abertos.

Pés sangrando.

Fronte caída.

Um sorriso

em teus lábios cansados.

Teu sangue

não o meu

esvaindo-se em bênçãos de perdão

avermelhando-me as faces.

\*

Foi para ela

a pecadora

que primeiro mostraste

a glória

do teu corpo redivivo

triunfante da cruz.

Foi para ela

a pecadora

que disseste as palavras primeiras.

Foi para ela

a pecadora  
que primeiro ensinaste:  
o pecado e a morte  
não derrotam a vida.

E foi ela a primeira  
ou a única  
a aprender a lição?

\*

Escuto  
no rumor  
o silêncio  
do teu sorriso.  
Escuto o silêncio  
do teu amor.  
O silêncio  
enorme silêncio  
dos teus pés  
descalços  
palmilhando o mundo  
e os milênios.  
O silêncio  
dos teus cabelos esvoaçando

sobre o Tiberíades.  
O terrível silêncio  
dos teus gestos  
das tuas palavras  
dos teus olhos.  
O silêncio  
que para sempre  
condenou Pilatos.

Oh, silêncio,  
abismo de paz,  
sorvedouro de amor,  
aqui estás  
para salvar ou condenar o mundo?

Passos que levantam, no silêncio, poeira de estrelas; fonte que encherá os cântaros vazios; milagre de cada um no exato momento; sorriso que é estrela da manhã; justiça que é misericórdia; gosto para as coisas de Deus e não do mundo; milagre de uns olhos sofrendo nos olhos do povo; língua de fogo das estradas e a cruz; estrelas, relâmpagos, chagas - e a cruz no corpo de Maria; braços abertos, pés sangrando, fronte caída - e um sorriso nos lábios cansados;

glória de um corpo redivivo - e Maria de Magdala; o silêncio.

O Cristo veio para salvar o mundo, e a poesia de José Herculano Pires para salvar a poesia - abismo de paz, sorvedouro de amor!

O que foi dito acima dá uma idéia da contribuição do poeta de São Paulo, válida, contribuição importante para as letras espíritas, para a poesia brasileira do momento.

**FIM DA SEGUNDA PARTE**